

Estudos Psíquicos

pelo Progresso e Prestígio do Espiritismo

Pela União Fraternal da Família Espírita

DIRECTOR E PROPRIETÁRIO

Isidoro Duarte Santos

EDITOR

Pedro C. Dias de Sousa

ANO 2.º

LISBOA, MARÇO-ABRIL DE 1941

N.º 10

O ÉTER CÓSMICO

pelo Dr. António J. Freire

AS especulações relativas ao éter ocupam actualmente um largo espaço no campo da ciência, especialmente nas ciências físico-químicas. Sendo o electrão de filiação etérea, a base material e fluídica do Universo é consubstanciada no éter cósmico. Este proteu, de proporções gigantescas, faz surgir do seu ventre fecundo céus, terras e mares, ora condensando-se no polimorfismo da matéria sensível, ora constituindo um meio vibratório ideal, ligando na mais íntima solidariedade os sóis mais distantes, as estrelas mais longínquas. Se acrescentarmos que tôdas as forças naturais: calor, luz, electricidade, magnetismo, etc., são meras vibrações etéreas, a consagração do éter é legítima e racional, impondo-se o seu estudo como um dos mais importantes capítulos da Física moderna. Não é, pois, motivo de excessiva estranheza que alguns cientistas, dominados pelo poder *omnipotente* do éter, tenham ido até deificá-lo como o supremo criador dos mundos, no seu delírio materialista.

Embora o éter espacial não tenha sido visto, nem pesado, na sua natureza íntima, mesmo pelos instrumentos mais aperfeiçoados da técnica laboratorial, a sua existência

vai além dum simples postulado, duma mera hipótese, pela evidência dos seus efeitos electromagnéticos.

A ciência considera o éter cósmico como um fluido imponderável, contínuo, preenchendo todo o espaço sem solução de continuidade, elástico, interpenetrando todos os corpos, compressível, transparente, incolôr a baixa condensação, possuindo qualidades únicas, exclusivas, que lhe conferem uma individualidade própria, característica, sem paralelo com as falsas aparências da matéria sensível. Para alguns autores, a força expansiva do fluido etéreo é proporcional à sua condensação, vibrando por expansão esférica, em ondulações cósmicas.

Para todos aquêles que não estejam familiarizados com a Física moderna, causarã estranheza, com justificados motivos, o facto de turbilhões de éter imaterial, imponderável, formarem placas de aço ou blocos de granito duma materialidade de observação evidente. Ora a rigidez da matéria é devida, única e exclusivamente, à velocidade vertiginosa dos electrões, à energia intra-atômica. Se essa velocidade, da ordem da luz (300.000 quilómetros por segundo), fôsse suspensa — um

momento só que fôsse — tôda a matéria que constitue o nosso Universo desapareceria instantaneamente, volatilizando-se, para regressar ao éter primordial, onde está radicada a sua origem. A velocidade dos electrões é a causa determinante da rigidez e impenetrabilidade da matéria. Um exemplo demonstrativo: uma espada bem afiada, manejada por mão vigorosa, não corta uma coluna de água de dois centímetros de diâmetro e de quinhentos metros de altura.

«A velocidade, diz G. Le Bon, é uma das condições fundamentais da existência da matéria. A velocidade nasceu no dia em que os turbilhões de éter adquiriram, por sua condensação crescente, uma rapidez suficiente para produzir a coesão da matéria. A velhice da matéria irá avançando à medida que esta velocidade diminua. A matéria deixará de existir, desde que as suas partículas (electrões) percam o seu movimento».

Os conceitos de G. Le Bon permitem concluir que matéria e velocidade são termos correlativos, indissociáveis, e que a morte do nosso planeta será produzida lentamente pela desmaterialização da matéria, passando gradualmente ao estado de fluido etéreo. Esta transmutação, atendendo às investigações científicas sobre o coeficiente radioactivo da matéria, levará milénios sem conta para a sua realização efectiva e integral. Depois, nem tudo o que teoricamente é demonstrável, entra nos domínios da realidade. Os pusilânimes, os tímidos, não devem ter motivo para sustos, nem para si, nem para as gerações vindouras. O *santo éter onnipotente* não é, certamente, um fogoso cavalo desbocado...

Um dos conceitos mais originais do éter, na sua relação com a matéria, é dado pelo pensador português, A. A. de Moraes Carvalho (*Le Problème de l'Univers*, Lisboa, 1920, pgs. 532-534): «As duas substâncias — matéria e fluido etéreo — não têm uma única propriedade comum. O fluido etéreo é a *antítese* da matéria, e, quando puro ou quasi puro, é dotado de propriedades psíquicas que a matéria não possui. Pode-se, pois, dar-lhe também o nome de espírito. A matéria e o espírito são as únicas realidades absolutas da natureza. O espaço e o tempo são apenas realidades relativas, realidades que para existir dependem da existência doutras realidades.»

Mais adiante:

«A matéria e o espírito são incriados, existiram de todo o tempo. Tôda a idea duma criação de substâncias primordiais determinaria dificuldades cientificamente insolúveis. Quando se pretenda prosseguir a regressão serial das causas, remontando de criação em criação, é sempre necessário permanecer perante qualquer coisa incriada. As duas substâncias — matéria e espírito — são indestrutíveis, incorruptíveis, eternas, hão de existir sempre na eternidade do futuro, como têm existido na eternidade do passado. Uma cosmogonia do Universo não tem sentido — o Universo não teve princípio, nem terá fim. Mas todos os corpos, os corpos terrestres como os corpos celestes, ao contrário das substâncias primordiais de que são formados, têm tido um começo ou uma criação. É, pois, legítimo investigar o modo de formação destes sistemas solares que constituem os mundos.»

* * *

Lançando um golpe de vista às doutrinas milenárias que alguns sistemas neo-espiritualistas têm actualizado e difundido na Europa, nomeadamente a Teosofia, encontram-se manifestos pontos de contacto com as melhores concepções da ciência contemporânea, diferenciando mais na terminologia do que no seu significado objectivo.

As mais recentes descobertas e especulações da ciência contemporânea relativas ao Éter Cósmico são velhas e revelhas à face das mais antigas filosofias orientais. A ciência só veio comprovar, rehabilitar e reeditar em novos figurinos os princípios que fundamentavam a Sabedoria Antiga, desde as criptas do Himalaia aos santuários do Egipto arcaico e da antiga Hélada.

Há, no entanto, uma diferença profunda: enquanto a ciência moderna é essencialmente orientada na análise e medularmente materialista e agnóstica, a Sabedoria Antiga elevava-se da análise à síntese, sendo profundamente espiritualista. A morfologia dos seres e das coisas no seu rico e variadíssimo poliformismo policromático, não empanava a lucidez da sua observação. Por dentro da sombra fugidia da forma dos seres e das coisas, sempre transitória e efêmera, a Sabedoria Antiga compreendia a Vida como divina expressão do Espírito.

A Sabedoria Antiga, coberta de descrédito e de ridículo pela ciência moderna, representa no entanto a parte esotérica, secreta, duma filosofia-científica, vasta e profunda, sintética e analógica, abrangendo a origem e finalidade do Cosmos, interpretando os mais angustiosos problemas da Existência. Foi a orientadora máxima das mais brilhantes civilizações desse passado longínquo que encheu de assombro os modernos investigadores. Foi a Sabedoria Antiga que numa refulgente braçada para o Ocidente instruiu e iluminou os Mistérios Gregos, desde Apolo a Delfos e Eleusis, donde surgiu esse fecundo e inesgotável manancial de ciências, filosofias e artes, realizando o esplendor da antiga civilização helênica, de que, ainda agora, as ciências, as filosofias, as religiões e as mais belas expressões artísticas se nutrem fartamente, inspirando-se nesses modelos clássicos, glória da Humanidade.

O Éter Cósmico tinha, na Sabedoria Antiga, um significado infinitamente mais vasto, complexo e profundo do que aquêlê que lhe é dado pela ciência contemporânea.

Os hindus, nossos ancestrs arianos, do ciclo védico, tinham um conceito do Éter espacial da maior transcendência espiritualista. Denominavam-no *Akasa* ou *Aditi*, irradiando das esferas ou planos mais elevados do Cosmos. É a *Virgem-mãe*, a substância-princípio, donde se originam tôdas as formas e seres existentes. Mas só depois de vivificado pelo *Espírito Divino* poderia dar existência à Vida e à Matéria, passando do estado virtual ao estado objectivo, imprimindo-lhe tôdas as manifestações materiais, psíquicas e espirituais. O *Akasa* era para os hîndus védicos a substância primordial — a *Matéria virgem* — correspondendo ao fluido universal do grande físico J. J. Tompson, mas todo o seu dinamismo era a resultante do Influxo Divino no conceito védico. Na sua essência, o *Akasa* está muito acima do conceito científico do éter, que é apenas um reflexo vibratório do *Akasa*, já num plano muito inferior da natureza física. Como diz H. Blavatsky (*La Doctrine Secrète*): «O Éter, da mesma forma que o *Akasa*, tem por origem o Elemento Único. O éter dos físicos é um éter inferior, constituído por subdivisões do nosso plano (terrestre). É a Luz Astral dos cabalistas, com todos os seus bons e maus efeitos. O

éter positivo, fenomenal, sempre activo, é uma força-substância, enquanto que o *Aether* omnipresente e omnipotente é o noumeno do primeiro, isto é, o *Akasa*.»

Nos tempos heróicos do Vedismo e do Bramanismo primitivo, o *Akasa* era considerado o Espaço Universal, contendo a eterna Ideação do Universo, causa suprema de todos os fenómenos, derramando o *fluido vital* (*Jiva-Prana*) através-de todos os planos da natureza, pondo em comunicação todos os seres animados e inanimados, visíveis e invisíveis. Tôdas as forças da natureza são modalidades vibratórias mais ou menos degradadas, do fluido akásico. Para alguns brâmanes, o *Akasa* é o veículo do pensamento activo da Alma Universal, percorrendo todo o Cosmos em correntes fluídicas ligando as almas entre si, vivificando todos os organismos físicos e psíquicos. A meditação espiritual e a prece, isenta de todo o egoísmo, constituem focos atractivos para receber este influxo divino que depura e revigora as almas para melhor poderem progredir no seu caminho de resgate e de redenção, na conquista ingente do Divino.

Os *Puranas*, que em antiguidade seguem os *Vedas*, simbolizam no *Akasa* — o Verbo, o Logos, o Deus manifestado através dos *tattwas*.

O 1.º *tattwa* é sonoro, dando origem aos quatro *tattwas* inferiores correspondentes aos quatro planos cósmicos, onde se desenvolve a actual evolução da Humanidade. Os *tattwas* representam a forma da manifestação, enquanto que os cinco *tanmatras* correspondem às formas particulares de energia para cada plano da natureza, particularizando os limites das possibilidades vibratórias.

É instrutiva a forma de alta espiritualidade como é considerado o *Akasa* no *Bhagavad-Gita*, (tradução de Burnouf), o Cântico do Senhor, (Krishna), escrito 3.000 anos A. C. — «É no seio do *Akasa* que residem todos os seres vivos, compreendeio-o; porque a produção e dissolução do Universo, sou Eu próprio (a Grande Natureza Primordial); acima de mim está suspenso o Universo, como as pérolas no fio dum colar. Eu sou nas águas o Sabor, filho de Kunti (*Ardjuna*); Eu sou a Luz na lua e no sol; a linguagem em todos os *Vedas*; o som no ar; a força masculina nos homens; o puro perfume na terra; no fogo, o esplendor; a vida em todos

os seres; a continência nos ascetas. Sabe, filho de Prithâ, que sou o germe inesgotável de todos os viventes; a ciência dos sábios; a coragem dos valentes; a virtude dos fortes, isenta de paixão e de desejo, etc.»

Esta breve citação traduz o alto conceito espiritualista em que era tido o Éter Cósmico pelos antigos árias industânicos, sob a designação de Akasa, numa tendência nitidamente criacionista, ondulando em manifestações panteístas, através-de todos os planos ou esferas do Cosmos ao influxo da Energia Universal, da Onnipotência Divina. A nossa ciência vem dos últimos séculos a passos de gigante; o Bhagavad-Gita é cinco vezes milenário.

O esoterismo egípcio (Hermetismo) tinha uma noção perfeita do Éter Cósmico que pode pedir meças com os melhores conceitos da ciência contemporânea. É demonstrativo e concludente um trecho duma tese arcaica, multimilenária, que uma iniciada apresentou para ascender ao grau de Palacida num santuário do antigo Egito: «Eu começarei por dizer que no mundo só existe uma única força ou energia — o éter, (*Telesmo*). É ele que nos ilumina, movimenta, transporta e nos produz. É o éter que aglomera, reúne, sintetiza as moléculas, de qualquer natureza que sejam. Numa palavra: é o fluido que gerou tudo o que existe. Sem ele nada existiria e com ele tudo pode ser produzido. E, facto digno de atenção, o éter que é tudo e está em toda a parte, que é o grande motor das almas e dos mundos, é, no entanto, invisível para a maior parte da Humanidade. Este fluido imponderável é dotado duma energia incalculável. Se os homens soubessem captá-lo, armazená-lo, dirigi-lo, poderiam moer o seu grão, amassar a sua farinha, cozer o seu pão e produzir a vida planetária em todas as suas modalidades» (1).

Alguns filósofos anteriores a Moisés já conheciam as misteriosas propriedades do Éter Cósmico, acalentando na sua natureza íntima os germes da Criação, saindo do caos primordial. Era para estes filósofos o Proteu-Gigante, o alento da Alma Universal (2).

No politeísmo arcaico, o Éter Cósmico era adorado, entre alguns povos, sob o nome de Pai Onnipotente Aether.

O termo éter deriva do grego — *Aether* —

cujos significado literal é — *abismo do Céu* — designando a substância primordial, o princípio criador de todos os mundos, a substância universal donde surgem todos os corpos, tudo o que vive (E. Bosc.) Para o politeísmo grego era divina substância criadora da Luz, inundando todo o Universo, o envoltório áurico de Zeus-Zên ou Júpiter, o Senhor do Olimpo, irradiando por todo o Cosmos.

Para os alquimistas, o Éter Cósmico era designado pelo termo geral — *Azoth* — variando o seu nome de país para país, com significado mais ou menos equivalente, sendo considerado o agente universal que põe em movimento toda a natureza, produzindo e impulsionando os germes de todos os seres a multiplicar as espécies. Para os espagiristas era o *Arqueu* da natureza; para os alquimistas gregos — o *Hilé*; para os alquimistas alemães — o *Iler-Staff*; para Roger Bacon — o *Protilo*; para Jacob Boëhme — a *Substancialidade*; para Paracelso — o Grande Mistério (*Mysterium Magnum*).

* * *

Mais uma vez se comprova que grande número de descobertas de que a ciência moderna se ufana e glorifica são, em última análise, meras re-inovações de que a Sabedoria Antiga, apanágio dos arcaicos Santuários, tinha pleno conhecimento nas épocas mais remotas da nossa civilização (3). Mas, enquanto a ciência dos nossos dias é fundamentalmente materialista e agnóstica, mecânica e naturalista, aviltando-se numa teofobia improgressiva e grosseira, a Sabedoria Antiga era homogênea e plenamente espiritualista, até mesmo nas suas transcendentais concepções panteístas.

(1) Ernest Bosc — Isis Dévoilée (Egyptologie Sacrée).

(2) H. Blavatsky — Glossário Teosófico, trad. espanhola, 1920 — vol. I, pág. 237.

(3) Dutens — Origines des découvertes attribuées aux modernes.

Enquanto houver possibilidade de progresso, haverá fenómenos por explicar; e quanto mais possíveis nos parecerem esses fenómenos, mais ao ceptíveis serão de nos levar ao conhecimento do universo.

Charles du Pail

AS INVENÇÕES DOS HOMENS

pelo coronel Faure da Rosa

Os aturados estudos entomológicos a que Maurice Maeterlinck se entregou durante uma grande parte da sua vida, deram-lhe a convicção de que muitas das invenções humanas — das quais as mais elementares e as mais antigas remontam a três ou quatro séculos e as mais modernas a algumas décadas — muitas das invenções humanas já estavam realizadas nos tempos pré-históricos pelos únicos rivais que precederam o homem: os insectos ⁽¹⁾.

Dizia o Dr. Charles Richet que, para se fazer uma idea do poder do espírito, era necessário observá-lo nos infinitamente pequenos: o microscópio diz-nos mais dos infinitamente pequenos do que o telescópio dos infinitamente grandes.

A *Aranha de Vidro* — que vem a ser a *argironete* aquática, um minúsculo aracnídeo — embora seja provida dum sistema respiratório aéreo, vive, paradoxalmente, debaixo da água estagnada, dentro duma espécie de casulo ou sino de mergulhador, tecido por ela própria e dentro do qual acumula ar por meio de pequenas bôlhas fixas ao abdômen. Portanto, a *Aranha de Vidro*, muito tempo antes do homem, inventou o escafandro.

Outros animais, que qualificamos de inferiores, têm sobre nós um avanço incontestável. A tremelga, por exemplo, peixe semelhante à raia, possui na base da cabeça um aparelho eléctrico que produz descargas capazes de, momentaneamente, paralizarem a mão que queira agarrá-lo ou de matarem outros peixes. Nas grandes profundidades, encontram-se peixes que dispõem de deslumbrantes projectores.

«Se nós soubessemos aproveitar, proporcionalmente à nossa estatura, o poder iluminante do minúsculo pirilampo e, sobretudo, o do fúlguro tropical, poderíamos iluminar as nossas noites como se usássemos archotes ou faróis de potente esplendor» (Maeterlinck).

Pirilampas ou vagalumes, não há quem os não conheça. Já o mesmo se não pode dizer dos fúlguros, grandes e belas borboletas da

América tropical, que, durante a noite, têm um brilho fosfórico. Afirma-se que a luz dos *fúlguros porta-lanternas* é tão considerável que permite ler os caracteres mais meúdos.

O mundo dos insectos desconcerta-nos — escreve Maeterlinck — porque não «raciocina» como nós. Nem por isso, porém, deixa de lutar com a natureza hostil. Da mesma forma que nós, humanos, os insectos, para poderem viver, têm que a dominar ou que adaptar-se. A acção dos homens, inteligente, científica, técnica... deu os resultados que todos conhecem e apregoam. A acção dos insectos exerce-se sem êsse estardalhaço: sem professores, sem engenheiros, sem comissões de estudo... Mais: exerce-se, sem que cada um dos indivíduos disponha doutros instrumentos além dos próprios órgãos. Assim, a abelha organizou-se a si mesma em máquina de refinar o açúcar extraído das flores. Certas formigas doceiras, nem dêsse trabalho de destilação precisam: transformam-se em «ôdres» de reserva e, nessa qualidade, suspendem-se do teto das galerias. A térmita — a formiga branca, que mina e rói a madeira — dispõe de operárias auxiliares para betonar a termiteira e de outras que constituem a força armada incumbida da sua defesa.

O perfurador e a colher de pedreiro estão incorporados nas térmitas operárias e a armadura e a lança estão talhadas na própria carne da térmita-soldado, exactamente como a serra no corpo do ralo e a fieira viscosa no corpo dos aracnídeos.

A aranha, por noções infusas de mecânica racional, visto não ter escolas nem mestres, tece a sua teia, segundo as mesmas linhas de resistência, que immortalizaram o inventor das pontes suspensas.

Armada de antenas que, simultaneamente, servem de pinça e de ancinho e provida de tarsos guarnecidos de ganchos, a aranha mí-gala cava na terra argilosa um buraco sufi-

(1) Maurice Maeterlinck — *L'Araignée de Verre*.

cientemente largo e profundo, que reveste de sêda e ao longo do qual pode facilmente subir ou descer. Cobre êste buraco, que virá a ser a sua casa, com um disco de grêda muito fina, entremeada de fios, disco que encaixa, exactamente, no orifício do buraco e que tem, do lado de fora, para não chamar a atenção, o aspecto rugoso da terra, enquanto a face interna é cuidadosamente polida e atapetada de sêda. Esta tampa ou porta é muito engenhosa: quando a aranha a levanta para sair, gira em torno duma charneira feita dum tecido sólido e sedoso. Em frente da charneira, há um semi-círculo com pequenos buracos, nos quais a aranha crava as garras para aferrolhar a porta em caso de alarme.

As pequenas aranhas que, frequentemente, aparecem nas nossas habitações, trazem os seus casulos entre as antenas, durante toda a incubação, o que as impede de comer, as condena a completo jejum.

As aranhas vulgares, que abundam entre as ervas, tecem em volta do casulo central, um outro maior, de grandes dimensões, formando, assim, uma «nursey», como que um átrio ou jardim de crianças, onde as pequeninas aranhas, mais tarde, ensaiarão os seus primeiros passos e que será, sucessivamente, alargado, até a mãe morrer de esgotamento.

Um as aranhas, das que habitam os mares tropicais, escolhem um buraco numa pedra porosa e, quando a água sobe, já têm tecido, em frente da entrada, uma rede de sêda impermeável.

Uma outra variedade de aranhas, constrói, como a *argironete*, uma espécie de sino de mergulhador onde põe os ovos.

¿Quem ensinou as aranhas?

¿Quantas tentativas nas noites da pre-história — exclama Maeterlinck — teriam produzido as aranhas para conseguirem construir o escafandro, umas, e outras a «nursey», a tampa impermeável, a porta girando em torno duma charneira!...

¿Quantas coisas a humilde aranha sabia antes dos homens!

«¿Foi a experiência que a ensinou, ou trata-se duma ciência inata, fruto de tentativas ancestrais imemorialmente acumuladas?

«Mas, ¿quem teve ou deu a ideia de fazer as primeiras tentativas?»

Segundo Félix Plateau, a *argironete* constrói dois sinos muitas vezes, um leve e transparente para domicílio de verão e outro de

sêda mais espessa e opaca, reservado para o inverno.

Na hora do amor a *argironete* macho constrói um sino perto do da fêmea e um túnel de comunicação entre os dois. Concluído o himeneu o macho regressa à sua casa são e salvo, o que é raro nas núpcias aerícolas nas quais, habitualmente, a fêmea devora o macho.

«Pondo de parte os problemas químicos da produção, tecedura, impermeabilidade, vitrificação da sêda — que os homens são incapazes de penetrar, como são incapazes de criar a vida, mas que a Natureza resolveu, como todos os outros problemas — ¿onde adquiriu a *argironete* o que sabe de física, de história natural, de hidrostática, de biologia?

«¿Como soube a *argironete* que as bôlhas de ar podiam aderir aos seus pêlos, enquanto não excedessem certo volume?

«¿Donde vêm e aonde conduzem êstes mistérios?

Anatole France ⁽¹⁾, a-propósito da reconstituição de tecidos orgânicos só poder conseguir-se pelos meios que a Natureza empregou para os constituir, também pergunta: ¿Que meios são êsses? ¿Quais são os processos da Natureza?

A Natureza não conhece nem a mão nem o instrumento: é subtil, é espiritual. Nas suas mais potentes e maciças construções emprega partículas infinitamente tênues da matéria...

Do impalpável nevoeiro, a Natureza faz rochedos, metais, plantas, animais, homens... ¿Como?...

«Por atracção, gravitação, transpiração, penetração, inibição, endosmose, capilaridade, afinidade, simpatia... A Natureza não forma um grão de areia de maneira diferente daquela por que formou a Via-Láctea...

«Entre as estrêlas do céu e as poeiras que dançam no raio de sol que atravesse um quarto, através duma frincha, não há nenhuma diferença de estrutura. A menor dessas poeiras é tão admirável como a Sirius, porque a maravilha de todos os corpos do universo está no infinitamente pequeno que os forma e os anima.

«Do imperceptível, do impalpável, do imponderável, a Natureza tirou o vasto mundo acessível aos nossos sentidos, que o nosso es-

(1) *Les sept femmes de La Barbe-Bleue.*

pírito pesa e mede; e aquilo com que nos fêz a nós mesmos, é menos do que um sôpro».

* * *

Para Henri Bergson, o grande renovador do pensamento contemporâneo, há pouco tempo falecido, a vida e todos os fenómenos, sem distinção, pelos quais ela evolue, exigem, para serem compreensíveis, a presença duma alma imaterial. Assim como existe a energia dos físicos, forçoso é que exista uma «energia espiritual». É do consórcio destas duas energias — a de uma alma e a de um corpo — que resulta todo o ser vivo, desde o mais humilde ao mais sublime.

O biologista Paul Vignon ⁽¹⁾ desenvolve a tese do filósofo Bergson: a «idea» latente no mais íntimo da infra-psicologia animal a que chamamos «instinto» — representação de um fim e vontade de atingi-lo — preside à formação do órgão destinado a realizar o plano. Numa palavra, a idea é organo-formadora. No caso das indústrias alimentares ou defensivas — abelha, formiga doceira e térmite — que são de utilidade vital, o fenómeno é evidente.

Acontece, porém, que numerosos factos mimétricos ⁽²⁾ *ultrapassam a utilidade*. Casos há, até, em que o mimetismo, longe de favorecer a espécie, prejudica-a dando-lhe a ilusão duma falsa segurança. E, assim, os animais miméticos obrigariam os biologistas a admitir que a vida animal é «animada, por uma alma que *comandaria a matéria organizada* (Jean Labadié).

* * *

«Dizem que os insectos não são inteligentes... Mas então... ¿quem lhes inspira e executa por êles actos incontestavelmente inteligentes? — pergunta Maeterlinck —. «¿Que é a inteligência? ¿Donde emana? ¿Quem a capta e utiliza? ¿Vem de Deus, — como afirmam os crentes? — pergunta Maeterlinck ⁽³⁾»:

«A principal diferença entre o Deus dos crentes e o meu está em êles acreditarem que conhecem o seu, em se gabarem de saber quem Êle é, o que Êle diz, o que Êle quer, como se com Êle tivessem vivido na mesma pensão de família.

«Eu confesso, humildemente, que ainda não conheço o meu. É por êsse motivo que o procuro por toda a parte incessantemente.

«O que acima de tudo mais importava era

a aproximação dessa origem divina ou natural; era chamá-la, captá-la, canalizá-la para nós, tornarmo-nos seus bons condutores, condensadores ou acumuladores; era tentar subjugá-la como à electricidade, da qual, talvez, seja, apenas, uma forma mais subtil. É muitíssimo possível que seja êsse o grande problema, a grande pesquisa, a grande conquista de amanhã.»

Charles Quartier ⁽⁴⁾ no comentário que faz ao livro de Maeterlinck (*L'Araignée de Verre*), diz que essa grande pesquisa a empreendeu a Metapsíquica. Perante os fenómenos do conhecimento supranormal de acontecimentos, quer decorrentes, quer passados ou futuros, ou da acção supranormal sobre a matéria, a metapsíquica tem procurado e continua a procurar-lhe o determinismo e a natureza.

«A metapsíquica teve que reconhecer que a explicação materialista era insuficiente porque não dava a razão dos factos em toda a sua complexidade.

«Raros terão sido os sábios que, tendo dedicado longos anos ao estudo dos fenómenos psíquicos, não tenham abandonado os dogmas materialistas da sua mocidade e não admitam a existência de «qualquer coisa» que os ultrapasse infinitamente.

«É inegável que o homem participa da superconsciência dessa «qualquer coisa», dessa Memória infinita. Por isso, verossímil é que escape à morte.

«Desde que há seres conscientes na Terra, a Morte e a Vida combatem-se sem tréguas.

O cronista metapsíquico espera que um dia, graças à investigação metapsíquica, a Morte venha a ser despojada do pavor que a reveste, pavor que é todo o seu prestígio.

⁽¹⁾ *Introduction à la Biologie Experimentale.*

⁽²⁾ *Mimetismo*: semelhança que tomam certos seres quer com o meio em que se encontram, quer com as espécies mais bem protegidas ou com aquelas à custa das quais vivem.

Há três espécies de mimetismo: 1.ª a *homocronia mimética* que é a semelhança dos animais com o meio onde vivem (pele branca dos animais que vivem na neve, peixes que tomam a cor da areia, etc.); — 2.ª o *mimetismo protetor*, pelo qual os animais inofensivos, especialmente as fêmeas, tomam o aspecto das espécies perigosas ou repulsivas; — 3.ª o *mimetismo ofensivo*, em virtude do qual certas espécies carnívoras revestem o aspecto das espécies de que fazem presa.

⁽³⁾ *L'Araignée de Verre.*

⁽⁴⁾ *Revue Metapsychique* n.º 3, de 1932, p. 226.

ESPIRITOFOBIA PROTESTANTE

pelo Dr. Sebastião Elviro Martins

IV

COM o presente artigo terminamos a série que nos propusemos escrever nesta revista, para refutar, à boa paz, as inexactidões bolsadas contra o Espiritismo, pelo corifeu protestante inglês Mr. Kernahan, no seu folheto já várias vezes mencionado.

Os dois últimos capítulos a analisar intitulam-se «*Na falta de fé está o início do pecado*» e «*Fogos fátuos*».

Como os outros, estes últimos capítulos são pobres de factos científicos convincentes, e por isso o seu valor literário ou religioso fica reduzido a fracas proporções. Porém, como o nosso objectivo, ao fazermos esta crítica, é pôrmos em evidência, pelo estudo comparativo, os postulados espiritas, vamos hoje completar a sua análise, para os leitores apreciarem até ao fim a espiritofobia protestante.

Já sabemos como os partidários de Lutero interpretam os textos bíblicos. Incapazes de os compreenderem à luz da ciência; impossibilitados de os transformarem em códigos *up-to-date*, de forma a saciar-lhes toda a sede insaciável do saber; torturados por não os poderem actualizar e amoldar à forma e expressão das ideias do nosso século, eles, os sectários firmes e imutáveis das ideias reformistas, repelem todas as inovações espirituais como artes do demónio e resolvem não lhes dar ouvidos, para não deshonrarem o Altíssimo!

Eis o resultado da fé cega e dogmática, aceitando como verdades infalíveis o que não está provado pelo raciocínio ou pela ciência.

Compare-se esta estranha maneira de pensar da ortodoxia protestante com a máxima perfilhada pelo Espiritismo: «A fé inabalável é somente aquela que pode encarar a razão face a face, em todas as épocas da humanidade».

O êxito e a expansão da nossa Causa está exactamente em se basear na razão, na observação e na experiência dos factos acumulados desde há quasi um século, factos que, a-pesar-de contraditados pelas correntes adversas, não foram desmentidos por nenhuma delas; antes se avolumam de tal maneira, que acabarão por esmagar os misoneístas, e destruirão todas as teorias opositoras.

O Espiritismo, na sua propagação pelo mundo, é como a avalanche, a que nada resiste; pode-se atrasar a sua marcha, mas nada o fará recuar, porque a força que o impele é divina e não humana.

Tudo isto vem a-propósito da pobreza de ideias contidas no opúsculo de Mr. Kernahan.

Para Mr. Kernahan o homem é um pecador impenitente e, segundo ele, «o pecado começa onde falta a fé...» protestante. Para o nosso opositor, o Espiritismo não inspira a fé em Deus; logo, induz o espirita em pecador sem remissão possível.

«Tendo-se fé, mas uma fé sincera e firme — base fundamental para uma vida cristã — tudo o mais necessário à vida e à felicidade se seguirá natural, lógica e inevitavelmente. A fé é o primeiro incentivo para as obras. Crer absolutamente em Deus, confiar n'Ele, amá-lo, servi-lo e fazer a sua vontade».

Este passo parece inofensivo e podia servir de modelo para qualquer espirita. Não se encontra nêlo qualquer expressão antiespirita e a moral expendida é absolutamente cristã. Mas não nos iludamos.

Não é a fé preconizada por Mr. Kernahan que nos convém, porque se baseia nos dogmas ainda aceites pelos reformistas.

Além disso a fé de que ele nos fala é limitada aos conceitos luteranos e muito vaga e nebulosa para cérebros ávidos de luz e saber, como se observa na nossa época. Nenhuma religião ortodoxa pode resistir ao influxo do progresso; se o fizer estratifica-se e morre. Eis a razão por que o Espiritismo, marchando sempre ao lado da ciência satisfaz todos os desiludidos dos outros credos e vai engrossando as suas fileiras.

Palavras sibilinas

Sabemos como as ortodoxias religiosas, encrustadas na rotina e nas letras canónicas dos textos decretados pelos concílios, se opõem terminantemente ao reconhecimento de factos, que não estejam dentro dos princípios dogmáticos em uso pelas suas igrejas. Não

seremos nós, espiritas, que somos por princípio tolerantes, que iremos impugnar essa rotina estéril, apesar do progresso científico estar sempre em contradição com os princípios conservadores.

O que não toleramos é o ataque preconcebido e a deturpação dos nossos postulados, quando a-final não censuramos ou anatematizamos qualquer credo religioso, porque o homem tem o seu livre arbítrio e a liberdade de consciência.

O Espiritismo não impugna as religiões, antes pelo contrário, procura completá-las e pô-las em sintonização com os princípios evangélicos, que são o código universal da cristandade.

O Cristo abre os braços a toda a humanidade e aos crentes sinceros, sejam eles quais forem.

Por isso não dizemos ao protestante ou ao católico que abandonem as suas crenças; só exigimos deles que respeitem os nossos princípios, como nós respeitamos os deles.

Quando nos atacarem, só pedimos que sejam justos, correctos e escravos da verdade, como demonstramos sempre nas nossas polémicas construtivas.

Não é essa atitude que encontramos no opúsculo de Mr. Kernahan.

Emquanto apresentamos os factos que a história, a observação e a experiência atestam, os nossos adversários, por processos cavilosos, torcem sempre a verdade ao seu modo, de maneira a desfigurá-la e a prestar-se às suas conveniências. A prova disto está neste passo do celeberrimo opúsculo:

«O Espiritismo, segundo a minha maneira de ver, começa na dúvida e acaba na desobediência. O Espiritismo torna inferior e vulgar o que é santo, e faz isto sem acrescentar aos nossos conhecimentos o que quer que seja possa auxiliar-nos, ou que tenha algum valor real».

Quere dizer, o autor inglês faz tábua rasa de tudo quanto o psiquismo moderno demonstrou para o conhecimento e esclarecimento das dúvidas que muitos teólogos ainda mantêm, e não diz uma palavra, por simples que seja, nem cita um facto abonatório em prol das verdades que o Espiritismo divulgou e provou, empregando os métodos científicos utilizados pelos laboratórios de física e química.

E ainda mais: prima pelo silêncio sistemático em volta da formidável actividade das igrejas espiritualistas do seu país e, a não ser Conan Doyle e Oliver Lodge, não lhe vislumbramos mais nomes de tantos que contribuíram para a obra imorredoura da terceira revelação.

A abundância dos factos

Mr. Kernahan, como já os leitores viram pela amostra da sua prosa, desconhece, ou finge desconhecer, os factos supranormais que deslumbraram todo o mundo científico, apesar de já ter confessado que lê obras espiritas há mais de quarenta anos! É fantástico, quasi inacreditável, conhecer tão pouco uma literatura, ao fim de tanto tempo! Razão temos para o comparar com o coelho da toca, de que falámos no artigo anterior...

Seria fastidioso citarmos aqui, um por um, o numeroso grupo de homens de ciência que, em anos porfiados de investigações laboriosas, construíram um corpo de doutrina inatacável e desafiam toda a crítica.

O trabalho desses homens, portadores de nomes já clássicos, fez convergir para o Espiritismo a atenção dos estudiosos e imparcialistas.

Depois das locubrações magistrais dos filósofos e das investigações dos sábios, chegou-se à conclusão de afirmar e provar que o Espiritismo não é uma superstição, filha de uma crença banal, ou de uma credulidade própria de cérebros doentes. Não, o Espiritismo é uma ciência, e como tal há de impôr-se à consciência de todos, quer queiram, quer não. Os factos omitem-se, mas não se destróiem, porque a evidência deles é mais forte do que o interesse mesquinho em os diminuir ou negar.

Parece inacreditável, como, depois da teoria espirita ter sido estudada, em todos os seus pormenores e facetas; depois de todos os investigadores metapsiquistas terem provado a existência de fenómenos supranormais, prova de que a alma existe; depois duma longa e exaustiva propaganda desses fenómenos através de milhares de livros e revistas; parece inacreditável, dizíamos, como ainda aparecem adversários tão relapsos, como Mr. Kernahan e quejandos...

Mas é assim mesmo. Por quanto tempo, não sabemos, mas é possível que os últimos abencerragens de doutrinas cristalizadas aparecerão sempre, não obstante o progresso inevitável das ideias.

«Estou firmemente convencido de que o pecado começa onde falta a fé. Tivesse sido firme a fé de Adão, e ele não teria prestado ouvidos à voz que lhe segredou palavras de desconfiança. Devêra antes ele, com justa indignação, sufocar essa voz, esmagá-la, tal como qualquer de nós faria a uma víbora que tivesse ousado agarrar-se-nos às vestes e trepar pelo nosso corpo».

Este passo extraído do opúsculo de Mr. Kernahan,

revela a puerilidade com que os protestantes aceitam os factos descritos na Bíblia, e como os tomam à letra, sem raciocinar, nem verem nêles apenas símbolos e verdades morais, sob figuras materiais, para elucidar a humanidade.

Essas figuras, copiadas das mitologias, interpreta-das dêsse modo, são inteiramente absurdas; especialmente os diálogos com animais, como o caso da serpente insinuar Eva a comer a maçã, e assegurando-lhe que não morreria por comer a fruto proibido.

Lendo-se o texto do opúsculo em causa, verifica-se que o seu autor aceita êste e tantos outros factos simbólicos como naturais e verídicos. Consequências dos dogmas e do véu da letra...

A ciência já demonstrou a infantilidade dessas afirmações bíblicas e deu-lhes a interpretação justa, em harmonia com a observação e a experiência.

Assim como ninguém crê nas maravilhas pagãs, por serem inverossímeis, também não se devem aceitar como *verdadeiras* e *possíveis* as alegorias do Velho Testamento, por não se poderem confirmar e provar à luz dos métodos positivistas do século vinte.

Isto é lógico e racional. Nós, não, mas os partidários de certas religiões aceitam tudo o que o dogma estabelece como verdade inofismável e intangível, mesmo que essa intangibilidade não resista à primeira arremetida filosófica ou científica.

Robert Dale Owen, pastor protestante, no seu livro «Região em litígio», ao comentar o valor teórico dos textos bíblicos, exprime-se assim:

«A Igreja de Roma deu imensa vantagem ao Protestantismo, reafirmando a infalibilidade do Papa; mas o Protestantismo não se aproveitará dessa vantagem, se continuar agregado aos restos do que herdou do Catolicismo, que são totalmente insustentáveis, principalmente quando afirmam a inspiração plenária de todos os escritores da Bíblia. É um erro tão fatal o declarar infalível um homem, como um grupo de homens».

Isto é sensato e compreensível. Infalível, só Deus. Nós, espiritas, ao proclamarmos as verdades demonstráveis dos fenómenos, nunca afirmámos a infalibilidade de qualquer pesquisador. Por mais arguto e metódico que êle seja, é susceptível de errar. Demais, o investigador dos fenómenos psíquicos é um homem de ciência, como qualquer outro; dêste modo, nunca atingirá o fim, nem a perfeição, porque a ciência é infinita, como o espaço onde gravitam miríades de mundos.

De tudo isto se conclue que o Protestantismo está em decadência. Já o demonstrámos nos artigos anteriores. Mas certamente êle reagirá contra o *in pace* em que está metido, porquanto, uma grande parte dos Chefes das várias comunidades cristãs, especialmente

na Inglaterra e na América, já se dedicam, e a fundo, aos problemas psíquicos. Dêsse estudo aturado e persistente deve resultar a transformação visceral duma Igreja duplamente simpática para todos nós, pela sua acção formidável a favor do livre arbitrio e da liberdade de crenças que ela proclamou como necessidade intrínseca do homem.

O testemunho dos teólogos anglicanos

Já relatámos nos artigos anteriores o movimento de simpatia pelo Espiritismo que se desenhou na Grã Bretanha, após a conclusão do relatório da Comissão nomeada pelo Arcebispo de Cantuária, para estudar os fenómenos espiritistas. Êsse relatório foi francamente favorável à nossa Causa, porque a maioria dos membros dessa Comissão, composta pelos cônegos Anson e Grensted; Drs. W. Brown e Mathews e outros se pronunciou pela aceitação dos factos espiritas como autênticos. Pena foi que o Arcebispo, ao aperceber-se disto não publicasse o relatório assinado por todos os membros. Presentemente, outros problemas preocupam os filhos da velha Albion e êsse assunto deve estar suspenso. Dada, porém, a tenacidade do povo inglês, é de esperar que em melhores dias êle será de novo posto em foco para ter a solução conveniente e oportuna.

É pena que Mr. Kernahan não consagre uma palavra sequer a êste movimento sensacional no seu país. Torna-se paradoxal que um estrangeiro lhe lembre e mostre o que vai pela sua pátria, em matéria religiosa e filosófica!

Mas a verdade é esta.

Em geral os sectários de qualquer credo ortodoxo vivem em compartimentos estanques, como o coelho da fábula vivia na sua toca, onde era rei. Se nesses compartimentos abrissem janelas para o mundo, ficariam cegos pela intensidade da pequena luz que lá entrasse. Preferem, tal qual o coelho, viver nessas trevas, onde se sentem reis. Não seremos nós que os demoveremos a sair da toca ortodoxa, mas ao menos mostrar-lhes-emos o nosso mundo, para ver se êles, ao vislumbrá-lo, a abandonam sem constrangimentos; antes pelo contrário, com o entusiasmo natural com que o coelho da fábula, ao ver-se privado dos seus vassalos, preferiu a luz do dia à escuridão da lura.

Pois é exactamente êsse papel que têm feito muitos corifeus anglicanos que, aprofundando os fenómenos supranormais, se converteram publicamente às nossas ideias, sem por isso abandonarem a sua Igreja.

Nielson, islandês, autor do livro «Minhas experiências espiritas», cita, só em Londres, mais de 50 eclesiásticos que se interessam pelas pesquisas psíquicas ou são espiritas convictos.

Thomas Colley, pastor em Stockton, trabalhou durante 30 anos na difusão do Espiritismo, tendo obtido os mais notáveis fenómenos, com um outro pastor que lhe servia de médium.

O Dr. Hensley Henson, bispo de Durham, recomendava ao clero da sua diocese a leitura do livro «*Talks With the Invisible*» (Conversações com o Invisível), livro escrito pelo reverendo H. T. Lovejoy, resumo de 30 anos de pesquisas.

O bispo de Grantham é favorável ao Espiritismo.

O bispo de Lincoln recomendava aos candidatos à ordenação, o estudo do livro intitulado «*The challenge of Spiritualism*» (O repto do Espiritismo), da autoria do rev. Elliott.

Isto diz-nos o semanário «*Psychic News*», de Londres, de Março de 1940.

Muitos outros representantes da Igreja Anglicana — a religião fundada por Henrique VIII e sua filha Isabel — estudam afincadamente o Espiritismo; esse facto é de uma importância incalculável, pelos efeitos futuros que possam produzir na mentalidade dos paroquianos que, copiando o exemplo dos seus mentores, fatalmente lhes seguirão as pegadas...

Considerações finais

«Mas, para mim, há uma razão ainda mais alta para se ter fé em Deus. Creio que confiar em Deus é alegrá-lo. Desconfiar d'Ele é magoá-lo».

Este é um dos argumentos basilares de que se servem as ortodoxias, para fazer prevalecer o seu credo e o seu sistema particularista da crença em Deus. Sabemos como o Protestantismo se pulverizou em dezenas de igrejas e cada uma tendo a pretensão de possuir a Verdade neste ou naquele ponto da hermenêutica evangélica.

Esse o maior erro de todas elas, porque a fragmentação e o exclusivismo só concorrem para a deserção dos crentes, por não lhes oferecer uma base onde possam apoiar os seus raciocínios sobre os problemas psíquicos e da vida *post mortem*, tantas vezes debatidos nos púlpitos das igrejas. Daí a decadência das comunidades evangélicas e o incremento que se nota nas agremiações espíritas, em constante progresso.

Ernesto W. Oaten, no seu depoimento feito perante a Comissão de Inquérito aos fenómenos espíritas, disse:

«Eu mesmo, cheguei aos dezanove anos sem ter a convicção de que há uma vida além da morte. Orava, lia, mas as minhas dúvidas subsistiam. Os meus superiores espirituais ladeavam todas as minhas

perguntas e asseguravam-me que a dúvida era uma ofensa a Deus».

Compare-se esta resposta com a que acima vem transcrita, e confirmar-se-á a maneira capciosa como os teólogos luteranos resolvem as questões delicadas inerentes aos factos obscuros e inexplicáveis.

Por isso as religiões estão decadentes, por serem incapazes de resolverem cabalmente os problemas psíquicos que se lhes antolham dia a dia.

Além disso, «todos em luta entre si, exclusivistas, quanto à posse da Verdade, e isso em nome do próprio Deus» — segundo a «Grande Síntese, V» — ¿que autoridade e crédito nos podem merecer?

Estes e outros argumentos nascidos das dúvidas e da incapacidade explicativa dos corifeus ortodoxos, provocaram a deserção de muitos adeptos das várias religiões e lançaram-nos no seio das novas correntes neo-espiritualistas, às quais o Espiritismo se honra de pertencer.

Se Mr. Kernahan, qual coelho da fábula, sair da toca reformista, certamente ficará contagiado da nossa doutrina, como milhares dos seus correligionários. E garantimos-lhe que será bem recebido, porque nós não somos exclusivistas nem levamos a mal que qualquer crente abrace a nossa causa, após um livre-exame à sua consciência, tão ingloriamente submetida aos dogmas bafientos e estéreis das suas igrejas decadentes...

Terminamos as nossas considerações.

Mostrámos aos leitores de *Estudos Psíquicos* a posição actual do Protestantismo e o perigo que o ameaça se não arripiar caminho. Vimos como os mentores da religião reformada encaram os problemas psíquicos, que tanto apaixonam o público intelectual de todos os países civilizados. Observámos o ódio incontido com que certos representantes dessa religião mimoseiam os espíritas. São portanto espirítóforos e daí o título de demos a esta série de quatro artigos de *Espirítóforia Protestante*.

De tudo quanto afirmámos nenhum ressentimento nos fica contra os sectários de Lutero, Calvino, Knox, ou Zwinglio. Pelo contrário, teríamos muito prazer em estender-lhes a nossa mão fraternal como irmãos da mesma crença em Deus e seu filho Jesus Cristo. O nosso credo é o mesmo. Só difere em admitirmos a sobrevivência da alma e a confabulação dos espíritos encarnados com os desencarnados, assim como a lei de causa e efeito, em vez do inferno e do paraíso, que ninguém sabe onde ficam.

A crença reformista é virtual; a nossa é real: a deles é abstracta, a nossa é concreta; o protestante crê, mas não raciocina; o espírita crê, porque a observação e a experiência lhe mostram a verdade dos factos. E contra factos não há argumentos.

Mas o Espiritismo não blasona de ter encontrado a

Allan Kardec, homem de génio e de coragem

NAS efemérides espíritas mundiais, o dia 31 de Março assinala a desencarnação de Allan Kardec, o insigne codificador do Espiritismo.

Bastava esta circunstância, para que *Estudos Psíquicos* não deixasse de lhe prestar reverente homenagem, filha da grande admiração que sente por quem tão alto soube elevar a doutrina que se defende e vulgariza nestas colunas.

O Dr. Hipolite Denizard Rivail e Allan Kardec são duas facetas do mesmo génio polimorfo que soube difundir os mais variados conhecimentos, ao serviço dum Ideal humanista. Os estudos do doutor serviram de base à acção do missionário. Dêste modo, o Apóstolo pôde enfrentar a celeuma levantada pelo tradicionalismo que se opunha à revisão dos dogmas científicos. Os seus conhecimentos de física, química, astronomia e fisiologia, além do manêjo fácil de meia dúzia de línguas, que dominava em absoluto, davam-lhe reconhecida vantagem nas pugnas mantidas com numerosos e violentos adversários.

A preparação literária, a prática das obras didáticas, às quais se dedicara durante longo tempo, além da experiência dos anos e a coragem que demonstrara em tantas dificuldades, davam-lhe preciosos elementos de triunfo, pois sô um paladino da sua têmpera e da sua envergadura moral e intelectual conseguia agitar o mundo culto e levar tanta gente ao estudo daquilo a que chamou a Doutrina dos Espíritos.

Allan Kardec soube querer, soube trabalhar denodadamente, esquecendo agravos, invejas e traições de certos indivíduos que lhe não perdoaram jâmais o ter dado vida a tão gigantesco movimento; soube prosseguir firmemente na sua rota, apoiado pelos seus Guias Familiares, alicerçado em sólidos fundamentos, tão sólidos, que ainda hoje, decorridos setenta e dois

anos após a seu desenlace, o Espiritismo se apresenta vicejante e cheio de magníficas promessas.

Outro qualquer teria desanimado, em face da ruína financeira. Ele, não. Ele continuou, como sempre, a exercer a caridade, a desejar o bem do próximo. O seguinte passo, extraído das suas «Obras Póstumas», é bem elucidativo:

— Continuarei a fazer o bem e a estender a mão aos meus inimigos, porque o ódio não me cega.

Esta frase característica define o nosso homenagem. Por ela, podemos avaliar os tesouros de bondade que se albergavam no seu coração, sendo fácil de concluir que um dos segredos do seu triunfo residia, precisamente, na tolerância de que usou sempre para com as crenças e opiniões alheias.

Ele o dizia, em 1868:

«— A tolerância impõe-nos o dever de respeitar tôdas as crenças. Não se atirando pedras a ninguém, desaparece o pretexto de represálias, ficando os dissidentes com a responsabilidade das suas palavras e dos seus actos. Se eu tiver razão, os outros acabarão por pensar como eu. Se eu não tiver razão, acabarei por pensar como os outros.»

Com semelhantes normas, onde transparece a maior elevação moral, Allan Kardec impôs-se a tôdas as classes sociais, principalmente aos operários, que tão bem compreenderam os ensinamentos da Doutrina Espírita.

Se, como homem, Allan Kardec soube vencer tôdas as dificuldades, como missionário escolhido pelo Alto para dar corpo e vida ao Espiritismo Moderno, soube, igualmente, portar-se à altura da sua tarefa, estudando, comparando, discutindo os problemas e aparando os ataques daqueles que o pretendiam aniquilar.

Uma vez lançado no seu rumo, não pára um instante, não perde um minuto, não deixa de aproveitar

Verdade, nem afirma que a sua doutrina é exclusiva.

Nisto reside o seu êxito e a sua projecção em todos os continentes...

A crença do espírita não está sujeita a dúvidas inquietantes, não obstante alguns problemas, ainda transcendentais, não estarem completamente resolvidos.

A actividade dos investigadores, porém, não fraqueja e, quais outras lacunas que a ciência oficial não preencheu, mas que trabalha afanosamente para as vencer, o Espiritismo também vencerá as suas dificuldades, ainda insuperáveis, para benefício e progresso da pobre humanidade sofredora e sem norte.

Um facto — e o mais importante — está, porém, assente em argumentos incontroversos: é a da sobre-

vivência do espírito à morte física. Sobre esta tese, perfilhamos tôdas estas palavras, escritas por H. Dennis Bradley, no seu livro («Towards the Stars»), traduzido em português com o sugestivo título «Rumo às Estrélas».

«A vida na terra não passa de sombra da existência. Vivemos por toda a eternidade, de esfera em esfera, e à medida que aprendemos e nos desenvolvemos, aproximamo-nos mais e mais da inteligência do grande e incompreensível Deus, que é a inspiração do universo».

[Que diferença entre estas palavras tão claras, simples e lógicas, comparadas com as afirmações abstractas e ambíguas de Mr. Kernahan!...

todos os ensejos de servir a Causa, publicando livros, realizando conferências e lançando a *Revue Spirite*, sem ter um único assinante. Embora a questão da publicação da revista fôsse aconselhada pelo seu Espírito Familiar, era preciso ser dotado de grande fé, para se abalançar a semelhante empresa.

«—Apresssei-me — diz ele — a redigir o primeiro número e fi-lo aparecer em 1 de Janeiro de 1858, sem ter prevenido pessoa alguma. Não tinha um só assinante, nem qualquer capitalista que garantisse a existência da revista. Fi-lo, pois, exclusivamente, por minha conta e não tive de que me arrepender, porque o sucesso excedeu a minha expectativa. A partir de 1 de Janeiro, os números sucederam-se sem interrupção e, como fôra previsto pelo Espírito, o jornal serviu-me de poderoso auxiliar. Reconheci mais tarde que fôra melhor não ter comanditário, porque tive sempre inteira liberdade, ao passo que, havendo outros interessados, poderiam querer impor-me as suas ideias e vontades. Sozinho, não tinha que dar contas a ninguém, por mais pesado que me fôsse o trabalho».

A obra de Allan Kardec teve repercussões interessantíssimas em todos os países, pois em todos os países se formaram centros e sociedades de estudos psíquicos e espíritas, dirigidos por individualidades eminentes.

Um dos episódios mais notáveis da sua vida de missionário, foi, sem dúvida, o do auto de fé de Barcelona, no qual foram destruídos mais de trezentos volumes espíritas, em obediência aos designios do bispo daquela cidade. E — caso curioso — enquanto a imprensa liberal espanhola verberava severamente a decisão das autoridades eclesiásticas catalãs, os jornais franceses limitavam-se a publicar a notícia sem comentários.

Semelhante auto de fé produziu efeitos surpreendentes na propaganda do Espiritismo. Os próprios Espíritos não foram estranhos ao acontecimento e manifestaram-se em dezenas de lugares, dando centenas de comunicações. Eis a que foi recebida na Sociedade de Estudos Espíritas de Paris, em 19 de Outubro de 1861, quando o Mestre regressava de Bordéus, onde tinha ido, em viagem de propaganda:

«Era preciso que alguma coisa abalasse violentamente certos espíritos encarnados, para que se decidissem a ocupar-se desta grande doutrina que há de regenerar o mundo.

«Nada se perde na Terra e por isso nós, que inspirámos o auto de fé de Barcelona, sabíamos que por aquêle meio obrigávamos a dar um grande passo adiante. Este facto, inaudito nos tempos actuais, foi consumado para atrair a atenção dos jornalistas, indiferentes à profunda agitação que se operava nas cidades e centros espíritas; eles não se ocupavam dessa agitação, antes se obstinavam em cerrar os ouvidos e em responder pelo mutismo ao desejo de propaganda dos adeptos do Espiritismo. Por bem ou por mal, é preciso que falem. Provando uns a verdade do facto de Barcelona e desmentindo-o outros, dão lugar a polémica, que dará a volta ao mundo, do que aproveitará o Espiritismo. Eis, por que hoje, e por vontade nossa, a rectaguarda da inquisição fez o seu último auto de fé».

Assim foi, com efeito. A brutalidade com que o bispo de Barcelona quis sufocar a doutrina espírita deu resultados negativos e teve o mérito de chamar a atenção de todas as classes sociais para a filosofia espírita.

Se aquêle prelado soubesse um pouco de psicologia e não estivesse obcecado por ideias retrógradas, de-certo reconheceria que a única maneira de entrar a marcha do Espiritismo era opôr-lhe, racionalmente, os argumentos adequados ao fim em vista, pois só a oposição racional, baseada na lealdade e na elevação de conceitos, evitaria a expansão espírita, a que o auto de fé deu corpo e forma.

Allan Kardec empregou a fundo todas as suas forças, todas as suas energias, aliadas ao talento protéiforme que o distinguia desde os mais verdes anos. Ele próprio sabia que tinha de lutar. Os amigos do espaço diziam-lho, abertamente:

— A missão dos reformadores é cheia de escolhos e perigos. A tua é rude. Previno-te, porque é o mundo inteiro que se trata de agitar e transformar.

E acrescentavam que não lhe bastaria publicar muitos livros e ficar tranqüilo em casa, mas que era necessário mostrar-se no conflito, para enfrentar a sanha de inimigos implacáveis.

Não há dúvida. Todos os que metem ombros à tarefa de evangelizar e reformar, estão expostos à calúnia, à maledicência e à traição, porque as suas melhores ideias são desvirtuadas. Entram numa verdadeira luta de nervos e acabam, muitas vezes, por desistir, se lhes falta o apoio da fé, que ainda é a melhor alavanca dos grandes êxitos.

Sabêmo-lo, por experiência própria. Por isso, avaliemos bem a tenacidade dum missionário que experimentou todas as vicissitudes que lhe foram anunciadas pelos Espíritos, mas que conseguiu triunfar do ódio, da calúnia e do ciúme.

Numa nota escrita me 1867, dizia ele, amargamente:

— Tenho sido alvo do ódio de implacáveis inimigos. Têm sido publicados contra mim libelos infamantes. As minhas melhores instruções têm sido desnaturadas. Tenho sido traído por aquêles em quem depositava confiança e pago com ingratidão por aquêles a quem tenho prestado serviços. A Sociedade Espírita de Paris tem sido um continuo foco de intrigas, urdidas por aquêles que se diziam a meu favor e que, mostrando-se amáveis na minha presença, me caluniavam na ausência. Disseram que os que me seguiam eram assalariados com o dinheiro que eu arrecadava do Espiritismo. Não mais conheci repouso e mais de uma vez sucumbi sob o peso do trabalho. Tem-se-me alterado a saúde e comprometido a vida.

¿Mas quem eram, a-final, os invejosos que pretendiam obstruir-lhe o caminho? ¿Sabe-se lá!... Os seus nomes esqueceram. Dêles, não resta a minha lembrança. Ficaram sepultos na própria sombra, como sucede aos que se alcandoram em posições, para que não têm competência.

Como homem e como missionário, o nosso homenageado marcou, brilhantemente, a sua posição no campo espírita. Foi sábio, filósofo, educador e apóstolo. Foi o obreiro máximo do Espiritismo Moderno. As suas obras magistrais são verdadeiros monumentos de sabedoria que desafiam todas as críticas e têm servido de consólo a milhões de indivíduos que nela encontraram o refúgio moral e espiritual que haviam buscado em vão por outras sendas.

¡Honremos o Mestre, vulgarizando-lhe a Obra e levando o seu nome às mais ignoradas regiões do Globo! — Eis a melhor homenagem que poderemos prestar a Allan Kardec.

I. D. S.

ALÉXIS CARREL

pelo Dr. António J. Freire

VINDO da América do Norte, de passagem para Espanha, esteve, há dias, em Lisboa, o Dr. Aléxis Carrel, figura marcante e prestigiosa na vanguarda da ciência contemporânea, consagrado mundialmente como um dos mais fecundos e originais inovadores nos domínios da medicina e da biologia.

O autor de *O Homem, êsse Desconhecido* merece uma homenagem de grata admiração por parte daqueles que se interessam pelo estudo e propaganda do neo-espiritualismo. Nessa obra sensacional, publicada recentemente, tendo conquistado um sucesso mundial, traduzida em vários idiomas, incluindo o português, Carrel alia à sua valiosa mentalidade a nobre coragem de proclamar, com a autoridade do seu nome de sábio consagrado, a veracidade de alguns fenómenos supranormais, rompendo, assim, o círculo de ferro do misonéismo unversitário.

O Homem, êsse Desconhecido está profundamente penetrado numa vibrante espiritualidade irredutível à arcaica ortodoxia, atitude rara nos sábios da sua categoria.

O fetichismo da matéria é ainda a nota tónica, predominando nos cenáculos académicos e nos sínédrios universitários. O paroxismo deslumbrante e superficial das aparências efémeras e transitórias da forma ofusca aos nossos cientistas contemporâneos a visão em profundidade do real, do eterno, do divino, contidos na essência espiritual da Vida. A dualidade irreversível Espírito-matéria é mutilada, deformada, escamoteado o Espírito, expressa pela ciência no monismo materialista, dando o primado à matéria, deificada nos últimos tempos na idólatra concepção do Éter-deus. E, no entanto, só o Espírito é movimento, é vida, é luz, reflectindo-se na vontade, na inteligência, no sentimento, na emoção estética, na imaginação criadora, nas mais nobres atitudes morais, de que a alma humana é o divino foco gerador e irradiante. A matéria é a ganga, a sombra do Espírito, a ilusão máxima dos nossos paupérrimos sen-

tidos corporais, escravizados às contingências terrenas no nosso temporário exílio planetário, limitados às falsas concepções do tempo e do espaço, frágeis coordenadas onde assenta e se desdobra a ciência dos nossos dias.

O neo-espiritualismo proclama e demonstra, pela observação e pela experiência, a independência e soberania do Espírito, através da rica e multiforme fenomenologia supranormal do metapsiquismo, derivada do exercício das faculdades latentes da alma humana, logo que se libera, parcial ou totalmente, do seu instrumento e veículo somático, — o corpo carnal. Os inúmeros factos obtidos pela clarividência, na sua dupla modalidade — a *telepatia* e a *telestesia* —; a *escrita directa* (pneumatografia, A. Kardec), a *voz directa* (metafonia), fenómenos registados mundialmente por observadores da mais alta categoria científica: Crookes, Russel Wallace, Bergson, Gibier e muitos outros cientistas contemporâneos, demonstram numa forma irrefutável a falência do materialismo, o triunfo decisivo do Espírito sobre a matéria. Abstraímos já os factos complexos e perturbantes da bilocação dos encarnados em manifesto paralelismo com as materializações ectoplásmicas dos desencarnados, de que são tipos clássicos: Katie King, Estela Livermore e Nephthés.

A exteriorização e projecção do duplo humano (bilocação), tantas vezes observada nos períodos preagónicos e agónicos e imediatamente ou a distância da morte corporal, prova insofismavelmente a existência e autonomia da alma humana e a sua sobrevivência em mundos supraterrrestres e espirituais. Dada a nossa situação terrestre, o Espiritismo é, em última análise, o complemento objectivo e directo do animismo. Há um manifesto paralelismo entre os fenómenos anímicos e espiritas, homólogos na sua natureza, mecanismo e finalidade, em consequência de uns e outros serem função das potencialidades inerentes à alma humana. E, assim, tanto pelo método anímico, como pelo método espirita,

idênticos no seu dinamismo transcendente, comprovar-se-á a inanidade e insubsistência do materialismo, baseado nas falsas concepções do paralelismo psico-fisiológico e respectivo associacionismo. Seria ridículo, se não fôsse absurdo, tentar dissecar a alma na glândula pineal à maneira de Descartes ou procurá-la no «corpo caloso» onde pretendia localizá-la o dr. La Peyronie, médico do rei de França. O sistema nervoso está para a alma como o piano para o pianista. As funções cerebrais são apenas estações intermediárias de recepção e expedição no plano terrestre. O nosso encéfalo é, de facto, uma máquina maravilhosa na sua extrema complexidade, complexidade directamente proporcional à evolução da alma, que dirige, coordena e comanda o seu dinamismo, através do perispírito, quer na vida vegetativa, subconsciente, quer na vida de relação consciente, quer, por vezes, no exercício das faculdades anímicas supranormais. Os métodos ligados aos antigos filósofos do racionalismo, da especulação metafísica, da introspecção a fim de demonstrarem a existência e sobrevivência da alma humana são substituídos dentro do Espiritismo pelo método positivo, baseado na observação e na experiência, donde se conclue que o Espiritismo é, em síntese, «a ciência da alma humana», orientada no método positivo clássico, liberta dos processos e fantasias inerentes às filosofias e religiões tradicionais.

Admitida mesmo a sua modalidade doutrinária, o Espiritismo não poderá ser considerado uma nova religião, sejam quais forem os preceitos morais que decorram da sua estrutura científica. Determinada a sobrevivência e a finalidade humana dentro do seu complexo e variado dinamismo, o Espiritismo poderá então, e só então, estabelecer as bases lógicas e científicas duma Moral individual e social que marque as melhores atitudes humanas dentro do princípio evolucionista subordinado ao determinismo do Divino Plano da Criação.

Entre a vastidão incomensurável que vai do microscópio ao telescópio, limites da ciência contemporânea, existem realidades espirituais, forças psíquicas e cósmicas surpreendentes, reservatórios inesgotáveis de energias latentes, ultrapassando as máximas potencialidades electromagnéticas, dinamismos inte-

ligentes e volitivos, novos mundos supraterestrres em íntima relação e solidariedade directa ou telepática com os organismos psíquicos da Humanidade que a ciência contemporânea intencionalmente procura desconhecer, opondo-lhe as barreiras do ridículo ou do silêncio. Mas *O Homem, êsse Desconhecido*, de Carrel, «o hóspede oculto», de Maeterlinck, o «dinamo-psiquismo», de Geley, o *élan vital* de Bergson, fórmulas simbólicas da mesma entidade espiritual que anima e vivifica o corpo humano, reagem sinêrgicamente contra os preconceitos e misoneísmo da ciência oficial. A alma humana, como a legendária Fénix, renascerá das próprias cinzas, sejam quais forem os autos de fé a que os sinédrios universitários e as doudas academias a condenem.

Como prémio de consolação, a ciência, dominada por uma grosseira idolatria, entronizou o éter espacial nos altares dos seus laboratórios, divinizando-o. É o «Éter-deus», o seu tábu, proteu admirável que brinca às escondidas com a ciência, não deixando captar-lhe a mínima partícula; prestidigitador consumado, esmagando os sábios preconceituosos empanturrados de ignorância; fazendo-lhes ruir os seus melhores conceitos e teorias, e só assim se compreende que a ciência tivesse deificado o éter cósmico.

Diz Alexandre von Humboldt: «um cepticismo presunçoso que rejeita os factos sem examiná-los, é mais funesto que a credulidade que os aceita».

Passons...

* * *

Num artigo recentemente publicado numa revista de medicina de que alguns trechos foram transcritos em «Vida Mundial», de 1 de Março, o dr. Aléxis Carrel critica a vida fútil e folgazã da mocidade contemporânea, chamando-a à reflexão, à disciplina, ao trabalho fecundo e activo, dentro da solidariedade colectiva. É, no fundo, um grito de alarme, uma advertência, um ensinamento de higiene moral.

De facto, a-pesar-de o mundo estar «a ferro e fogo», debatendo-se numa conflagração truculenta, destrutiva e vandálica, tragédia dantesca que conturba as almas mais insensíveis, não se encontra em certos sectores da vida mundana a compostura, a piedade, que os terríveis acontecimentos que

OS FACTOS ENTRE NÓS

Interessantes curas obtidas no Grupo Espirita Paz e Caridade, de Aveiro

O nosso confrade Eduardo de Pinho das Neves enviou-nos uma carta, na qual relata interessantes fenómenos obtidos no Grupo Espirita Paz e Caridade, de Aveiro. *Estudos Psíquicos* começa, pois, a exercer a missão de porta-voz dos centros e grupos espiritas portugueses, que nestas colunas terão sempre o merecido acolhimento. Bom será que nos enviem comunicações identificadas aquêles grupos e centros, onde, porventura, se hajam obtido fenómenos dignos de ser conhecidos do grande público, visto que a luz não deve ficar debaixo do alqueire. Escusado será repetir que estamos inteiramente à disposição de todos, em benefício exclusivo da propaganda. Nem para outra coisa se fundou esta revista. Nem para outra coisa se mantém e se manterá, embora seja necessário um grande sacrifício da nossa parte.

O Grupo Paz e Caridade é composto por humildes confrades de reduzida cultura, segundo nos conta o nosso correspondente. Isso, porém, não impede que consigam mais do que outros a quem a cultura sobra. São ricos de humildade e esta circunstância vale o suficiente para merecerem do Além atenções especiais que muitos desejariam obter.

Na sessão de 20 de Janeiro de 1940, estavam presentes António de Oliveira, Idalino Felipe do Rosário, António Ferreira, Domingos Salvador, Eduardo Pinho das Neves, (médium psicográfico) e José da Silva Justiça. Feita a concentração, o Guia manda admitir aos trabalhos o filho mais velho do médium, a-fim-de ir treinando a mediunidade.

Na sessão de 16 de Fevereiro seguinte, o rapaz cai em transe e o Guia escreve:

— Ninguém se incomode. Nada haverá de mau. O Garibaldi é médium escrevente e de transe. Deve

desenvolver as faculdades psicográficas e seguir as instruções que lhe forem dadas.

Garibaldi, o filho mais velho de Pinho das Neves, era sífilítico. Por duas vezes iniciou o respectivo tratamento, mas desistiu por falta de recursos.

Um dia, Pinho das Neves apelou para o seu Guia. Que lhe indicasse um medicamento barato, destinado à cura do filho. E recebeu as seguintes instruções:

— «Para a cura da sífilis, deve o teu filho tomar, de manhã, em jejum, chá de flor de laranjeira, misturado com chá de entrecasco de laranja azêda. Ao cabo de seis meses, manda o sangue à análise e verificar-se-à a cura. Podes mandar aplicar a receita a todos os doentes dêste género».

Durante êstes seis meses, Garibaldi desenvolveu as faculdades mediúnicas (a de transe muito mais do que a psicográfica), em sessões semanais no Grupo e bi-semanais em casa. Ao mesmo tempo emmagrecia extremamente, em virtude da medicação indicada pelo Espírito.

Em sessão particular de 18 de Setembro do mesmo ano, recebeu-se a seguinte comunicação, assinada pelo Guia:

«O Grupo Paz e Caridade vai muito bem. Dentro de pouco tempo, lá se dará qualquer coisa de novidade».

No dia 23, o Guia-Instrutor anuncia que um espírito se vai comunicar. O médium de transe é fortemente actuado. Apoia-se nos bordos da mesa, escorrega para o chão, faz cabeceira dos pés do médium psicográfico e parece estar adormecido. Pouco depois, afasta-se para a esquerda, arregaça as mangas do casaco e da camisa, faz gestos de lavar as mãos e de dar um golpe junto do estômago. Pelos movimentos característicos que executa, dá a impressão de estar a sofrer uma operação cirúrgica, servindo, ao mesmo tempo, de aparelho ao operador.

O Guia escreve:

«Não tenhas dúvida. Estão a curá-lo dos seus sofrimentos».

nos circundam impõem aos sentimentos equilibrados e humanitários.

Diz o glorioso biólogo, prêmio Nobel e director do Instituto Rockefeller: «Cada qual procura fazer da própria existência uma espécie de fim-de-semana, uma festa ininterrupta, de segunda-feira a sábado. Procura-se encontrar o máximo prazer com o mínimo de esforço. A bela vida, para a maior parte dos adultos, é um ciclo de gozos, de cinema, de «rádio», de excursões, de excessos de tãda a ordem. Ora esta maneira indolente e fútil de levar a vida, totalmente indisciplinada, mina o nosso vigor e põe em perigo a nossa raça».

O dr. Carrel enaltece depois a vida disci-

plinada e remata dêste modo: «É aplicando constantemente as regras da disciplina consciente no cumprimento de todos os deveres, ainda os mais custosos, ou na luta contra os hábitos de preguiça, que o homem atinge a alta tensão do seu poder, que é a do seu querer. O homem que, diáriamente, se treina em pequenos exercícios de vontade, que sabe ser sistematicamente ascético ou heróico nas pequenas coisas, encontrar-se-à preparado, como que robustecido por sólidos contrafortes interiores, quando o vento da adversidade o fustigar; sentirá a alegria da chama divina a entrar nêle, a penetrá-lo, a abrir horizontes novos»...

Garibaldi adormece outra vez. Ao cabo de seis ou sete minutos, levanta-se, senta-se na cadeira e conserva-se dormente.

O Guia volta a escrever:

«Não duvides. É a cura que se está a realizar».

O médium faz menção de vomitar clorofórmio e desperta.

«— Foi a surpresa prometida — diz o Guia —. O Garibaldi tinha sintomas de tumor canceroso e foi operado pelo espírito A. J. A., assistido por E. F. P. e A. C. A. A esta cura muitas outras seguirão». (Estas iniciais correspondem a três médicos conhecidos em Aveiro e noutros pontos do país. Um deles desempenhou um altíssimo papel na política republicana).

Realmente, a surpresa foi grande. Mas também foi grande a incerteza, visto não haver sido consultada a medicina terrena para o caso da sífilis e Garibaldi julgar sempre que as dores sofridas eram provenientes dos alimentos que ingeria. E como do Além diziam que o emmagrecimento era efeito do medicamento...

Em 25 de Setembro, numa sessão particular, o espírito A. J. A. faz escrever:

«Estamos aqui para atestar o que fizemos. Operámos Garibaldi Ferreira Neves de tumor canceroso no estômago. A cura da sífilis está feita. O seu rosto deixará de ser macilento. Pode alimentar-se à vontade, excepto de comidas reimosas».

A-pesar dos espíritos assistentes «confirmarem», a incerteza continuava, até que na sessão do Grupo, de 25 de Setembro, Garibaldi cai em transe e estende-se em cima da mesa. Apalpa-se, em modos de auscultação. Leva as mãos ao nariz e faz maçagens.

O espírito A. J. A. faz escrever:

«O irmão Garibaldi está de perfeita saúde. Fizemos-lhe hoje uma pequena operação aos canais respiratórios, que se encontravam obstruídos desde a nascença e que lhe impediam a respiração nasal. Louvamos a Deus e damos por terminada a cura».

Era a verdade nua e crua. Garibaldi nunca respirara pelo nariz. Estava sempre com a boca aberta. Agora está bom. Tem a boca fechada o tempo que quere e assopra pelo nariz, a ponto de apagar um candeeiro de petróleo.

¿Como duvidar, agora, da operação do tumor canceroso, se o Garibaldi já não tem dores de estômago e apresenta o rosto de côr mais rosada? Só falta provar a cura da sífilis. Ele, porém, encontra-se tão bem, que não pensa em mandar o sangue à análise.

Por hoje, vamos ao último fenómeno.

Sessão de 7 de Outubro. Garibaldi cai em transe. A seguir, levanta-se e passeia. Parece um médico no consultório. Eduardo Pinho das Neves é conduzido para cima da mesa e julga estar submetido a uma operação. Após alguns minutos fazem-no levantar e escrever:

«O irmão Eduardo acaba de ser operado da hérnia. O ardor que sente é sinal da cura».

Sessão de 11 de Outubro. Idêntico trabalho e novamente escreve:

«O irmão Eduardo está curado. Pode desligar-se, que não lhe fará diferença alguma. Auscultei-o. Está muito sã».

Há cinco anos que Pinho das Neves sofria duma hérnia. Não dava dois passos, sem auxílio da funda. Agora, está de perfeita saúde.

E o nosso correspondente conclue:

«E não havemos de estar convencidos de que meu

filho sofria de tumor canceroso e ficou curado, com a operação a que foi submetido? Creio ter feito muito bem em dizer na minha carta de Dezembro:

«O grupo Espirita Paz e Caridade, pelo porta-voz que lhe é oferecido, há de fazer sentir, ao generoso povo da nossa terra portuguesa, a protecção dispensada aos humildes, quando eles se esforçam por conservar a moral pura».

Aparição no momento da morte

São frequentes as aparições de espíritos, no momento da morte. Ernesto Bozzano escreveu grande monografia, em que apresenta muitos casos interessantes e Flammarion coligiu centenas deles, no livro «O Desconhecido e os Problemas Psíquicos».

O fenómeno que vamos narrar foi-nos enviado por V. C., funcionário dos Correios e Telégrafos de Lisboa e a autenticidade da assinatura é confirmada pelo nosso colaborador Manuel Tavares Grêlo.

Segue o relato, no seu extremo laconismo:

Em Abril de 1938, minha mulher estava sentada na cosinha, a costurar, quando viu sua tia, com hábito de freira, postada a meio da casa de jantar, que fica em frente da cosinha, separada apenas por uma porta que geralmente se encontra aberta.

Deu-se este facto cêrca das catorze horas.

Minha mulher não se assustou, por ser de dia e estar uma luminosa claridade.

Três dias depois, recebemos a notícia do falecimento da tia referida, que se dera no dia em que foi vista a sua imagem.

O trespassse teve lugar de madrugada e a aparição deu-se, como disse, cêrca das catorze horas.

Outro pormenor a assinalar é a circunstância de minha tia ter sido enterrada com o hábito de freira, acima citado.

V. C.

Inteligência dos irracionais

«Nos irracionais desenvolvem-se igualmente as faculdades intelectuais».

«De milênios remotos, viemos todos nós, em pesados avatares».

Do livro «Emmanuel»

É um facto extremamente simples o que vou contar. No dia 27 de Janeiro de 1941 desencarnou em Beja, na Rua do Pelame, onde sempre viveu, um rapaz de 11 anos chamado Avelino Velhinho Malveiro.

Vivia junto dele um vizinho, chamado Bernardo, que é caçador e há anos mudou de residência para a Rua Tenente Valadim, transversal àquela onde morava, sendo a nova habitação distante uns 70 metros aproximadamente da anterior.

O vizinho Bernardo, como caçador, possuía cães e nasceu um cachorro preto a que denominaram Fiel. Brincava o Avelino, sempre que podia e era o dia quasi todo, com o Fiel. A amizade entre a criança e o cão era enorme. O Fiel percebia tudo quanto o Avelino desejava.

A casa onde o Bernardo vivia foi vendida e, por esse motivo, procurou outra residência ali perto.

Fêz-se a mudança. O Fiel procura a casa onde nas-

Ecoss da imprensa espírita

O Revelador — Inteiramente remodelado e sob a direcção do conhecido propagandista Odilon Negrão, surgiu, novamente, *O Revelador*, órgão do Departamento de Propaganda da União Federativa Paulista, que tem a seu cargo a manutenção da emissora espírita Rádio Piratininga-PRH3, de 20 quilovátios na antena e que trabalha na frequência de 620 quilociclos (483,9 metros de comprimento de onda). Esta poderosa estação radiodifusora foi inaugurada oficialmente em 30 de Março de 1940, todos os dias irradiando para o Brasil e grande parte da América as verdades fundamentais do Espiritismo.

O Revelador apresenta-se magnificamente rejuvenescido e promete ser «repositório da variedade infinita das manifestações espíritas, constituindo-se, só por isso, em força e vontade, a serviço do Bem, dentro da sociedade em que vivemos». Como programa de trabalho, adoptou a divisa de Kardec: «Trabalho, Solidariedade e Tolerância».

Saudamos o campeão que reaparece, pujante de seiva criadora, e fazemos votos para que a Campanha de Rádio Piratininga *pró-milhão de sócios* seja coroada de êxito.



A Reincarnação — Com o número de Outubro último, entrou *A Reincarnação* no sétimo ano de existência, ao serviço da Causa, sob os auspícios da Federação Espírita do Rio Grande do Sul, de que é órgão oficial. Este número insere valiosa colaboração de homenagem ao Mestre Allan Kardec, o imortal

codificador do Espiritismo moderno. ¡Que *A Reincarnação* prossiga na sua rota e amplie cada vez mais o âmbito da tarefa!



Alvorada duma Nova Era — Outro aniversário que nos é querido. Órgão da Sinagoga Espírita Nova Jerusalém e Cozinha dos Pobres, de S. Paulo, até há pouco redigido pelo grande benemérito Antônio J. Trindade, aparece agora sob a direcção de Pedro Fernandes Alonso, seu antigo secretário. *Alvorada* promete voltar a sair «a tempo e horas» e esta notícia auspiciosa deve alegrar, certamente, os seus numerosos leitores. Se tal conseguir, ficará sendo um dos melhores instrumentos de propaganda, atento o seu carácter quinzenal e constituir um belo arquivo de 24 páginas a duas colunas, que se lê sempre com o maior agrado. Mil venturas a *Alvorada duma Nova Era*.



Revista Espírita do Brasil — Mais um ano passou sobre tão interessante publicação, dirigida por Deolindo Amorim, que tanto se notabilizou no último congresso de jornalistas espíritas brasileiros. É sempre com grande prazer que lemos esta revista, desde o tempo em que era dirigida pelo nosso amigo Dr. Henrique Andrade, razão por que não podemos deixar de lhe enviar o nosso abraço fraternal, incitando o seu director a continuar a luta há treze anos iniciada. Só com «Trabalho, Solidariedade e Tolerância», pode-

ceu e viveu anos aguardando que a porta se abrisse para procurar os donos e, nesta situação, a cena interessante inicia-se:

O Avelino diz-lhe: «Vai-te embora, Fiel, que o teu dono já não mora aí». Passadas horas, quando o cão procura novamente a casa: «Vai-te embora, Fiel, tu já não moras aí» e são períodos como estes, ditos algumas vezes e sempre obedecidos da mesma forma.

O Fiel, ao ouvir qualquer destas recomendações, deixa imediatamente a porta, encolhido, rabo entre as pernas, como estes animais fazem quando fogem com medo ou recebem intimações ou admoestações dos donos, olhando — com amizade — para o Avelino e dirigindo-se muito vagarosamente para a nova residência.

Este facto realiza-se algumas vezes nesse dia e é observado por quasi todos os vizinhos.

Nos dias seguintes o cão procura o Avelino e não mais se chegou para a porta da residência onde nasceu e onde viveu.

Mostra bem a inteligência e a compreensão do animal.

Agora que o Avelino está no Espaço, ele, que nunca fez mal aos animais, conto a amizade, a compreensão e o entendimento existente entre o Fiel e ele. Poderemos dizer como vem no «Emmanuel»: «Estendei até eles a vossa concepção de solidariedade e o vosso coração compreenderá, mais profundamente, os grandes segredos da evolução, entendendo os maravilhosos e doces mistérios da vida».

No Espaço pode o Avelino compreender hoje bem melhor todos estes factos e esclarecer os que tentam saber alguma coisa das Verdades ocultas de que nada sabem.

Aguardaremos que Deus permita que o Avelino nos possa dar lições sobre a evolução dos irracionais, que ele tratou com tanto carinho e recebeu com tanta amizade.

J. C. M.

remos edificar em nós o *homem novo*, que servirá de base à remodelação social que almejamos. *Sursum corda*, amigo distante, mas sempre presente na lembrança doutro amigo!



Jornal Espirita — Êste belo órgão riograndense, dirigido pelo incansável trabalhador Paulo Hecker, comemorou também um novo aniversário, manifestando a sua fé no futuro da Causa, que está concitando a atenção do grande público.

Como grande número de leitores desejariam que *Jornal Espirita* passasse a formato de revista, o seu director aguarda que a maioria se pronuncie nesse sentido. Nós somos velhos leitores dêste interessante jornal e já há muito que apresentámos êste alvitre ao nosso amigo Paulo Hecker, em virtude dos assuntos que ventila serem dignos de arquivo, onde os possamos facilmente compulsar.

A crise do papel e das matérias primas obrigou *Jornal Espirita* a aumentar o preço da assinatura. Oxalá êle saia triunfante de mais esta fase da luta em que há tantos anos anda empenhado.



Reformador — Velho órgão incessantemente rejuvenescido, o *Reformador* entrou no 59.º ano de existência, sempre ao serviço do Espiritismo Evangélico, que tão estranhos milagres tem feito no Brasil distante, mas sempre presente na nossa alma de amigos sinceros e verdadeiros. Dirigido pela figura austera de Guillon Ribeiro, Presidente da Direcção da Federação Espirita Brasileira, e secretariado pelo nosso redactor-correspondente Dr. Carlos Imbassahy, apresenta-se com escolhida colaboração, mantendo as tradições antigas, do tempo em que ali trabalhava o Dr. Bezerra de Meneses, o velho *Max*, que tantas lutas manteve, na imprensa profana, com os adversários da Doutrina Espirita.

O *Reformador* é sempre lido com agrado e veneração por todos aquêles que se habituaram a seguir a obra que a *Casa de Ismael* está fazendo, sem um momento de fadiga, sem um instante de repouso.

Neste órgão amigo, saúdamos tôda a imprensa espirita brasileira, que tem feito incontestáveis sacrifícios para se manter na trincheira que fará ruir para sempre o pernicioso e antinatural materialismo.



Boletim de la Agrupacion Estudiosa «Camilo Flammarion», de Buenos Aires, insere um artigo do nosso redactor-correspondente Dr. Luiz M. di Cristóforo, intitulado «Plataforma e Programa», de que extraímos os seguintes parágrafos:

PROMETE A TI MESMO

Sê tão forte, que nada possa perturbar a paz da tua mente. Fala sempre de coisas sãs e prósperas que possam ajudar aos demais.

Dá aos teus amigos uma sensação de que valem muito.

Em tôdas as ocasiões vê o lado belo e bom das coisas e procura converter êste optimismo em realidade.

Pensa sempre em coisas boas e perfeitas, age em consequência delas e espera confiado o melhor fruto.

Trata de sentir o mais vivo entusiasmo pelo êxito dos outros como se fôsse teu próprio. Esquece os erros do passado e prepara-te para maiores conquistas no futuro. Mantém um temperamento alegre, jovial, e dispensa sempre um sorriso às pessoas com quem trates. Dedica todo o tempo em melhorar a ti próprio, e jámais em criticar os outros. Sê demasiado grande para que não fraquejes, demasiado nobre para que não sintas cólera, demasiado forte para não sentires temor e demasiado feliz para não teres contrariedades. Forma um elevado conceito de ti mesmo e proclama-o, não com palavras, mas com acções. Tem a firme convicção de que o mundo está contigo, enquanto fores fiel ao melhor que há em ti. Pensa cuidadosamente antes de falar, para que sejas sempre verdadeiro, bom e útil. Se não tens qualidades, é melhor conservares-te calado.

Prometheus

«A significação espiritualista que se vai esboçando no mundo em desordem, tem um conteúdo e uma consequência: já não interessa saber se é verdade ou fantasia a concepção imortalista do homem. Ela está exuberantemente demonstrada e a própria ciência reconhece a demonstração, pela boca de seus mais autorizados luminares. Ao doutrinarmos pagão sucede uma angústia que se resolve em ansiosa pergunta; e vencendo os sectarismos escolásticos, de tendências mais ou menos declaradas; desmascarando a impostura que, em dado momento, apareceu entre os homens, a Doutrina Espirita permanece como alta reserva na reconstrução do panorama humano».

«Em opposição ao despotismo, a Doutrina Espirita eleva o conceito de liberdade dentro da ordem, a acção transformada em método, a justiça hierarquizada a nível de culto e beleza subtilizada aos superiores limites do sentimento fervoroso. Frente ao neo-paganismo do materialismo económico que desemboca num Basil Zaharoff, nome que cem povos repudiam, a Doutrina Espirita demonstra a dialética construtiva dum Allan Kardec, nome que cem povos apregoam».

VELHOS PALADINOS

No dia 30 de Abril de 1938, regressou à pátria espiritual a Dr.^a Amélia Cardia, que tantos serviços prestou à Causa Espirita. Há, portanto, dois anos que o seu espírito elegante abandonou as pugnas terrenas, onde se afirmara exuberantemente.

A Dr.^a Amélia Cardia foi a primeira mulher portuguesa que frequentou a Escola Médica de Lisboa, sendo, depois, nomeada interna dos hospitais e distinguida com honrosas e merecidas referências.

Em 1891 defendeu a tese «Febre histerica», após o que visitou os melhores hospitais estrangeiros, a-fim-de estudar os progressos da enfermagem e montar uma casa de saúde. No regresso, estabeleceu consultório na Praça Luiz de Camões, em Lisboa, cuja clientela era composta, na maioria, por gente pobre.

Tempos depois, aí por 1908, organizou os Serviços de Saúde no Bairro da Estrêla, que foram frequentados pelos melhores cirurgiões da época.

Em 1916, abandonou a clínica e começou a escrever interessantes romances psicológicos, na sua Quinta de Camarate, bem como alguns dramas, característicos da sua fina observação e esclarecida inteligência. Dos romances, lembram-nos «Pecadora», «Alforria»,

«Remorso», «Episódios da guerra», «Visionário», etc.

Em 1928, assumiu a direcção do Mensageiro Espirita, fundado nessa altura pela Federação Espirita Portuguesa. Ali desenvolveu extraordinária acti-

vidade, demonstrando quanto pode a vontade ao serviço duma causa justa. Os seus artigos eram vasados em puro vernáculo e deixavam transparecer uma ténpera de aço, capaz de enfrentar os maiores obstáculos e sustentar os mais ardorosos combates literários. Assim o demonstrou quando o jornal A Voz atacou o Espiritismo, apodando-o de fábrica de loucos. A Dr.^a Amélia Cardia tomou o passo ao crítico de má fé, mas este fugiu desairosamente à controvérsia.

Um dos seus melhores livros é «Na Atmosfera da Terra», editado pela F. E. P.



DR.^a AMÉLIA CARDIA

e baseado numa série de comunicações mediúnicas, recebidas por um individuo de reconhecida integridade de carácter.

Honremos a memória da Dr.^a Amélia Cardia, que tão alto soube erguer a bandeira da nossa Causa, sacrificando-se abertamente para que o Espiritismo se impusesse em todos os sectores da vida nacional.

O MUNDO DOS FLUIDOS

por Manuel Tavares

VIVEMOS cercados por inúmeras vibrações luminosas, caloríficas, sonoras, eléctricas e psíquicas; todavia, não as podemos sentir em tódia a sua plenitude, porque os nossos limitados sentidos não alcançam a gama completa dessas vibrações. Se tentarmos ultrapassar os limites máximo e mínimo que a Natureza nos traçou, dentro do campo infinito dessas vibrações, sentiremos as dolorosas conseqüências da nossa curiosidade ou do nosso arrojado atrevimento.

Quantos homens de ciência têm pago com a vida a ânsia dominadora do «mais além» e se dão em holocausto à humanidade por uma felicidade maior?

Para o nosso estado evolutivo — tanto físico como moral — a Natureza traçou barreiras inexpugnáveis e, se nos faz alguma vez a graça de remover os seus marcos fronteiros, fá-lo com tanta parcimónia, quanto o estudo evolutivo geral da humanidade o permite, porque a Natureza não dá saltos.

Assim, um excesso de luz pode cegar-nos e a falta de luz priva-nos do sentido da vista, excepto quando a ausência dos raios luminosos se prolongar por muitos dias; um excesso de calor sufoca e produz a morte e um excesso de frio mergulha-nos num sono do qual só acordamos no Além; um som demasiado forte pode ensurdecer-nos e um som demasiado fraco passa despercebido; um choque eléctrico de alguns volts fulmina; um excesso de ondas psíquicas pode provocar-nos alteração no sistema nervoso, obliterar-nos até a vontade e, em certos casos, causar a morte.

Contudo, àquém e além desses limites que extensa gama de vibrações existe ainda!

* * *

Tudo no Universo é vibração. Tudo quanto existe — mais ou menos compacto, mais ou menos fluídico — vibra com maior ou menor intensidade. O nosso corpo físico mantém-se em actividade, devido a uma série inumerável de vibrações de vária ordem comandadas

pelo perispírito — corpo etéreo, corpo astral, duplo ou como quer que lhe chamem — repositório misterioso de forças ainda ignoradas, e ambos agem de harmonia com a vontade emanada da alma, mas só na parte que diz respeito à tradução do pensamento em movimento, porque na que diz respeito ao mecanismo da respiração, da digestão, da circulação do sangue e do funcionamento dos vários órgãos e glândulas — mecanismo em que a volição não intervém e que se realiza numa perfeita independência da alma, sendo os vários órgãos dependentes entre si — êsse, realiza-se, em virtude de qualidades inactas adquiridas durante milhões de séculos de contínua evolução, desde o mineral até ao homem.

Todos êsses fenómenos são produto de vibrações mais ou menos intensas, como já dissemos. Onde quer que se reúnam dois ou mais electrões, existe vibração e existe matéria. Esta é mais ou menos rarefeita segundo a distância a que, entre si, se encontrarem os electrões. No estado sólido, a sua aproximação é tão grande, que a matéria se torna pesada e, na aparência, impenetrável. Dizemos — na aparência — porque, a-final, ela pode ser facilmente atravessada, não só pelos raios X ou ultra-violetas, como também pela vidência psíquica e pelos fluidos magnéticos humanos. Êste facto, só por si, destrói a concepção de matéria, se, porventura, não bastasse a sua transformação em estado líquido, gasoso ou fluídico. Do primeiro ao último dos estados da matéria, a coesão dos electrões e dos átomos vai diminuindo, ao ponto da matéria de que o corpo era constituído se tornar imponderável e invisível. Por êsse facto, não se pode, contudo, deduzir que a matéria tenha desaparecido e entrado no Nada. Ela continua a existir e, tanto assim, que podemos, por meio de um processo inverso, fazer o retôrno da matéria, do estado gasoso ao estado sólido.

A matéria de que o nosso corpo é constituído não desaparece, portanto, depois do fenómeno a que chamamos morte, tão certo

é que na Natureza nada se cria, nada se perde, tudo se transforma. Ela sofre apenas uma transformação para ir alimentar outros corpos. Ora, se a matéria continua a existir, como seria possível deixar de existir o nosso ser pensante, que dirige a matéria e no qual se albergam todos os sentimentos bons ou maus, a inteligência, a memória, que são a nossa individualidade, o nosso *Eu*? Que importa não encontrar a medicina, num cadáver, ao escarpelá-lo, esse ser pensante, se ela própria não conseguiu ainda insuflar vida ao átomo, ao reunir alguns electrões? Que importa não nos poder a ciência oficial explicar esse enigma da alma, senão com razões confusas, dizendo-nos que o pensamento é uma secreção do cérebro — como se a matéria bruta tivesse a propriedade de pensar e raciocinar — se ela desconhece ainda a essência íntima da electricidade, do calor e de muitos fenómenos químicos? Seria arrojado dizer-se que o homem atingiu o apogeu da ciência e que nada mais lhe resta aprender.

Sabemos, aproximadamente, o que se passa no mundo da matéria, mas ignoramos duma maneira geral o que se passa no mundo dos fluidos, quando, a-final, é neste último que reside o potencial das forças que regem o Universo, que conservam, em suspensão, no infinito, essas massas formidáveis de matéria, obedecendo a um fim sábio e determinado que escapa à nossa fraca inteligência de criaturas finitas.

E como a ciência académica afirma hoje o que ontem negou, não nos admira que ela negue hoje os fenómenos psíquicos, para amanhã os confirmar. Por enquanto, eles estão ainda fora do âmbito das academias — eivadas, como estão, pela ciência materialista. Todavia, já bastantes homens de ciência, ao tratarem de estudar esses fenómenos estranhos que destróem muitas concepções científicas, se sentiram de tal maneira atraídos pelos novos horizontes que o mundo dos fluidos lhes fez antever, que abraçaram entusiasmamente o Espiritismo e o defedem à *outrance*, fazendo afirmações que não só os honram pela sua sinceridade, como também confirmam a continuação da existência da alma, depois da morte fulminar o corpo físico, como um raio fulmina um velho cêdro.

William Crookes, o célebre físico e químico inglês, inventor do fotómetro de polarização e do miscrospectroscópio, dos raios

A DOCTRINA ESPIRITA

Todo o mundo fala de Espiritismo; a verdade, porém, é que, à parte pequeno número de iniciados e os poucos sábios e filósofos que se dedicaram ao seu estudo, o vulgo mantém completa ignorância acêrca dêste ramo de ciência, que tão apaixonado interesse desperta.

Emquanto alguns vêem nêle apenas uma religião nova, outros encontram-se ainda na lamentável fase dos primórdios da nova ciência, nas explicações por assim dizer infantis dos balbuceios do Espiritismo: alucinações, fenómenos inconscientes, ranger de tendões, fraudes e mistificações, etc., etc.

Para a grande maioria das pessoas, o Espiritismo reduz-se a práticas bizarras de infelizes ou alucinados que acreditam de boa-fé na comunicação com parentes mortos ou na visita de grandes nomes desaparecidos dêste mundo... Contudo, quando se estuda, pela primeira vez, o Espiritismo, experimenta-se uma verdadeira estupefacção, porque se vê, então, que os fenómenos espiritas, ou assim chamados, se reduzem a determinados tipos principais, de caracteres fixos e de grande precisão; que estes tipos de fenómenos estão sólidamente estabelecidos e provados pelo testemunho inegável de milhares e milhares de investigadores; que têm sido escurpulosamente observados e comprovados, com todo o rigor dos métodos experimentais, por ilustres sábios de todos os países; e, finalmente, que a sua negação, pura e simples, equivale, presentemente, à confissão de ignorância.

Dr. Gustave Geley

catódicos e do estado radiante da matéria, foi um dêles. Crookes não só conseguiu provar a imortalidade da alma, como também conseguiu provar a possibilidade de comunicação dos mortos com os vivos, obtendo materializações de espíritos, das quais a mais importante foi a de Katie King, que durante três anos o auxiliou nas suas pesquisas, feitas com o mais rigoroso método científico.

Três anos de convívio com um espírito materializado, não são os três minutos que os materialistas gastam em negar os fenómenos que Crookes disse *serem, não só possíveis, como reais*.

Razão tinha Gustavo Le Bon para dizer que as experiências, na aparência mais convincentes, nunca constituíram elemento imediato de demonstração, quando elas viessem ferir ideas há muito tempo admitidas!

Notas & Comentários

Sursum corda!

É sempre agradável ouvir palavras animadoras, quando se empunha um facho e se convida alguém a comungar numa doutrina. Então, as energias quebrantadas adquirem novo potencial e as almas entram em fases de evolução indescritíveis.

Acabámos de experimentar o fenómeno, calejados como estamos nesta luta permanente e cheia de escolhos, onde os alçapões surgem inopinadamente, dispostos a tragar o humilde cavouqueiro que só pensa em alicerçar o edifício, contra as possíveis inclemências do vendaval.

Essas vozes amigas provam, exuberantemente, a utilidade da acção que temos desenvolvido e continuaremos a desenvolver, sejam quais forem os obstáculos que tivermos de enfrentar. Nem para outra coisa fomos postos a esta dura prova. Nem para outra coisa oferecemos a nossa palavra e a nossa pena. Servos dum Ideal que engrandece e dignifica, a ele dedicamos todo o entusiasmo da nossa vida e o esforço que podemos exercer.

Bem sabemos que somos humanos, portanto vulneráveis e falíveis, sobretudo quando a obra excede em muito as fracas possibilidades dos combatentes. Mas nem por esse motivo desanimaremos um só instante, esquecendo o baluarte confiado à nossa guarda e que tanto custou a erguer de novo.

Sosseguem, pois, aqueles que temem o futuro do Centro e da revista. A acção de um completa a acção do outro. São duas trincheiras da Causa que não se renderão facilmente, nem a solicitações insidiosas, nem a ataques declarados, venham donde vierem.

O Centro será tabernáculo de paz, onde todos poderão trabalhar tranqüilamente. Estudos Psíquicos será a revista que idealizámos ou deixará de existir. Será suficientemente livre para ser útil e suficientemente elevada para ser nobre. E quando não puder cumprir a sua tarefa, morrerá como nasceu, isto é, pobre de pecúnia, mas rica de ideal. Ao menos, terá sido coerente com os seus princípios e terá esboçado uma directriz que não envergonha a Causa, de que é modesta pregoeira.

Situação difícil

Após dois meses de interrupção forçada, reapareceu o esplêndido semanário carioca Mundo Espirita, timonado pelo nosso consócio e amigo Dr. Henrique Andrade, jornalista de pulso firme, a quem a Causa deve os mais assinalados serviços.

Se grande foi o nosso regosijo pelo acontecimento, não foi menor a nossa mágoa por vermos o belo arauto registado no Departamento de Imprensa como «folheto de propaganda religiosa», o que implica a proibição pura e simples de inserir anúncios nas suas páginas, receita esta que lhe permitia enfrentar as enormes despesas, inerentes a um semanário de grande formato e destinado a toda a classe de leitores.

Vê-se, pois, que Mundo Espirita vive horas amargas, que se reflectem no movimento espirita brasileiro, de que é um dos mais esforçados, senão o mais esforçado paladino.

Felizmente, o simpático hebdomadário não está abandonado, pois bastou um sinal de alarme, para que à sua redacção acorressem numerosos confrades, a levar, não só a solidariedade pessoal, como a cooperação financeira, indispensável ao prosseguimento da luta, tão nobremente iniciada há nove anos.

Esse gesto muito nos confortou — escreve o director de Mundo Espirita —. A nossa redacção viveu uma semana agitada, fremente de entusiasmo, cheia de novas esperanças para todos. E aos que nos vieram visitar encarecemos a necessidade de se fazer sentir a todos os nossos irmãos em crença que mais do que nunca precisamos de cerrar fileiras para a defesa da doutrina que pregamos, única capaz de sustentar a derrocada da humanidade, que se projecta nos pavorosos abismos por ela cavados para saciar a sua desmedida ambição, satisfazer o seu incontido orgulho e alimentar a sua insatisfeita vaidade.

Mundo Espirita marcou lugar inconfundível na imprensa espirita brasileira. Era tão grande a sua popularidade, que muitos centros e agremiações o solicitavam para seu órgão.

E Henrique Andrade a todos acolhia, em atitude fraternal, no desejo ardente de expandir a Ideia Espirita, de levar a toda a parte a luz que é necessário agitar do cimo dos telhados e do alto das montanhas, para que a humanidade beneficie do seu influxo consolador e regenerador.

Estamos certos de que a situação criada a este jornal será neutralizada pela dedicação de todos os que desejam a Doutrina ennobrecida e prestigiada. E assim parece, como se lê no seguinte passo dum artigo da sua edição de 8 de Março:

A-pesar das dificuldades, temos sido compreendidos, o nosso esforço não tem sido infrutífero. Aqui estamos, novamente, para servir a doutrina espirita. Da solidariedade, da conjugação de vontades, depende o destino de Mundo Espirita, nesta fase que acaba de ser inaugurada sob o imperativo das circunstâncias que determinaram o interregno já notoriamente sabido de dois meses. A imprensa espirita, por não ter finalidade material, não se pode adstringir a círculos pessoais. Tudo quanto fizemos é para a doutrina. O jornal, portanto, é da Causa que defendemos e esposamos. Assim, também, o seu futuro está confiado à Causa, cuja propaganda exige de cada um, indistintamente, uma parcela de cooperação, seja por sentimento de solidariedade e simpatia, seja por dever de consciência.

Assim pensámos sempre, meu querido Henrique Andrade. Por isso, Estudos Psíquicos compreende, perfeitamente,

tamente, a situação do seu valoroso jornal e faz os mais ardentes votos para que êle saia incólume da borrasca que o ameaçou. Os nossos confrades brasileiros saberão impedir o desaparecimento do primeiro jornal espírita verdadeiramente popular, que a sua inteligência e tenacidade souberam lançar em terras de Santa Cruz. E os irmãos portugueses saberão que o Espiritismo continua a ser propagado e defendido além-Atlântico por um lutador que não se rende, porque a seiva vivificante lhe vem dos próprios leitores que o elegeram entre muitos órgãos de boa e necessária propaganda.

Referências amigas

A Revista Espírita do Brasil, de Março último, dedica a sua «Crônica Internacional» ao movimento espírita português, fazendo merecida justiça às intenções dos que o orientam e augurando-lhe um futuro promissor.

Depois, aprecia a nossa imprensa espírita e tem para Estudos Psíquicos as seguintes amáveis palavras:

A imprensa espírita de Portugal, a-pesar da premissa causada pela guerra, continua eficiente, facto que define o ardor dos confrades lusos. Dentre as suas publicações mais importantes, salienta-se *Estudos Psíquicos*, que pode ser considerada, sem favor, uma das melhores revistas espíritas do mundo, presentemente. Já nos referimos, certa vez, a esta notável publicação, louvando-lhe, não só o esmero, como a elevação intelectual. Nomes marcantes no pensamento espírita português colaboram em *Estudos Psíquicos*.

Pela parte que nos toca, agradecemos as imerecidas frases veiculadas pelo órgão da Liga Espírita do Brasil. Os conceitos emitidos obrigam-nos, porém, a maior esforço de aperfeiçoamento, já grangeando novos colaboradores, já introduzindo, na revista, outros melhoramentos, dentro, é claro, da modéstia a que não podemos fugir, de vez que a carência de recursos limita o âmbito da nossa vontade. Se pudéssemos aumentar-lhe o número de páginas e substituir-lhe o papel, como ardentemente desejamos, tudo faríamos para evolucionar e merecer as referências do nosso colega brasileiro.

«De-vagar se vai ao longe», — diz o rião, e Estudos Psíquicos tem apenas dezoito meses de existência periculante, açoitada por dificuldades de toda a ordem, que mal a deixam pôr pé em ramo verde...

I. D. S.

O ESPIRITISMO

É tão grande e tão vasta a missão do Espiritismo bem compreendido, que não pode deixar de comover os corações de todos aqueles que o conhecem e sabem interpretar em toda a sua beleza. É êle que abre os olhos aos negativistas e os deslumbra e arrasta para o espiritualismo. É êle que, numa generosidade que nada pede e tudo dá, prova a sobrevivência da alma aos incrédulos, duma maneira palpável, tão real, tão irrefutável, que só continuam a ser descrentes, conhecendo-o, aqueles a quem o seu propositado desleixo impede a investigação.

Maria O'Neill

CONFISSÃO

pelo Dr. Alfredo Mota

III

Um facto psíquico observado por mim no Rio de Janeiro e que fez de mim um deísta, a-pesar-de religioso praticante em uma ordem religiosa onde exercia as minhas funções de médico interno, foi o que vou narrar.

Um amigo, dentista de profissão e presidente dum centro espírita sito nas proximidades da sua residência, convidou-me para assistir às suas reuniões, que eram às 21 horas não sei já de que dias da semana. Logo na primeira vez que compareci êle caiu em transe e falou desta maneira:

— Vejo um navio cargueiro que está a afundar-se perto do porto de Santos. Bateu nuns rochedos, fez um grande rombo e ei-lo que se submerge pouco a pouco.

Já não sei se ouviu qualquer alarido, mas o primeiro jornal do dia seguinte que me veio às mãos trazia em tipo gordo a breve história desse sinistro que condizia com a transformação do vidente da sessão da véspera.

¿Em face disto a metapsíquica é ou não uma ciência? O facto ocorreu a muitas milhas da baía de Guanabara. A vidência portanto era muito longínqua. Todos os presentes à reunião espírita souberam do sinistro no próprio momento em que êle se deu.

¿Que mais procurava eu para não aceitar controvérsia em assuntos psíquicos?

Na posse do conhecimento da verdade espírita nunca mais pude duvidar da existência de Deus e, de ateu que era até então, transformei-me num deísta ferrenho, pelo que dou graças ao Altíssimo, a Quem peço a todas as horas da minha vida terrena que não me permita sair mais do caminho da Verdade.

O catecismo neo-espiritualista é um livro de cabeceira que antes de adormecer consulto todas as noites...

Espinho, 4 de Abril de 1941.

BIBLIOGRAFIA

pelo Dr. Sebastião Elviro Martins

ESPÍTOLAS AOS ESPIRITAS, por Oswaldo Melo — Edição da Livraria da Federação Espirita Brasileira — 1940.

TRATA-SE duma obrinha de 120 páginas, psicografadas por Oswaldo Melo, destinada aos dirigentes dos centros e associações espíritas.

São 33 pequenos capítulos com as características das célebres epístolas de S. Paulo, dirigidas às várias igrejas por ele visitadas nas suas quatro acidentadas viagens de apostolização.

Nessas 33 cartas, escritas numa prosa chã e clara, nota-se a preocupação, nos dois espíritos que as ditaram, de que todos os militantes da nossa Causa devam ser coerentes, unidos, tolerantes, simples, desinteressados e sobretudo sintonizarem os actos com as palavras.

Para se atingir esse objectivo, dizem Tiago e João — os espíritos que ditaram o opúsculo — que nada mais é preciso do que seguir o Evangelho e dele haurir tudo o que é necessário para a boa execução dos postulados da nossa doutrina redentora. Em todas as páginas do livro é esse o assunto predominante.

De facto, estas injunções paternas dos nossos amigos do Além, são imprescindíveis àqueles que têm responsabilidades directivas, para que se não esqueçam de manter a unidade e a coesão da doutrina codificada por Allan Kardec. Só assim ela poderá, com facilidade, resistir a todos os ataques demolidores dos sectores infensos.

Já o autor do «Livro dos Médiuns» dizia: «Não nos esqueçamos que o Espiritismo tem inimigos interessados em contradizê-lo e que vêm com despeito os sucessos que ele alcança».

Pois bem, para que esses antagonistas se não aproveitem dos nossos possíveis deslises ou fraquezas, sigamos a estrada luminosa do Evangelho e fortaleçamos a nossa fé nesse manancial inesgotável de inspiração cristã.

As determinações das «Epístolas aos espíritas» devem ser bem acolhidas e seguidas, a fim de evitar que os adversários dos nossos princípios pesquem em águas turvas...

E, parafraseando o opúsculo em causa, afirmemos a nossa vontade de trabalharmos unidos e seremos fortes, dessa fortaleza espiritual contra a qual as trevas não prevalecerão...

GRANDEZA E MISÉRIAS DE LA MEDIUMNIDAD, por Léon Denis — Editorial «Vitor Hugo» — Buenos Aires.

TRATA-SE da terceira e última parte do belo livro de Léon Denis, «No Invisível», vertida em espanhol, num folheto de 80 páginas, e a que a casa editora chama, e muito bem — «una síntesis filosófica de la mediumnidad».

O assunto é por demais conhecido pelos nossos leitores.

Léon Denis, para demonstrar que a inspiração de tantas obras primas que enriquecem as literaturas de todo o mundo, só se pode atribuir à mediumnidade, cita os autores mais conhecidos, desde os profetas bíblicos até aos dos nossos dias. E afirma: «Assim o fenómeno da mediumnidade patenteia-se em todas as épocas. Todas as grandes obras são filhas do Além».

Parabéns à Editorial «Vitor Hugo» por difundir, pela Argentina, tão belos princípios perfilhados já por milhões de adeptos em todo o mundo.

«EMMANUEL» — obra psicografada por Francisco Cândido Xavier — 3.^a edição da Livraria da Federação Espirita Brasileira — 1940 — 175 pág.

DEPOIS do «Há dois mil anos» e «50 anos depois», já mencionados nesta secção bibliográfica, cabe-nos agora a vez de analisar este mimo literário, ditado pelo bondosíssimo espírito de Emmanuel, cujo título é o seu próprio nome, tão querido dos espíritas daqui e além Atlântico.

A obra consta de 36 pequenas, mas substanciosas dissertações mediúnicas, expondo magistralmente os mais difíceis e cruciantes problemas da actualidade, que pesam sobre os ombros da geração actual.

Estes pequenos capítulos são outras tantas lições, cuja leitura nos deixa entrever, para um breve futuro, uma mudança radical em todos os sectores e actividades do nosso planeta.

Ao espírito arguto e sábio deste nosso amigo invisível nada escapa, através da sua análise profunda e metódica.

Todos os problemas que ora preocupam os estudiosos, assim como os homens de Estado, são postos em equação com uma simplicidade admirável; e confessamos que não sabemos o que mais admirar: se a sua ciência polimórfica, se a sua habilidade na exposição clara dos assuntos, os mais díspares e contrários.

O que não resta dúvida é que as comunicações deste luminoso espírito são apreciadíssimas por todos nós, porque têm o condão de nos fazer «ver» o que nos descreve e profetiza para os séculos porvindouros.

Nestas 36 dissertações há de tudo. Desde as elucidações evangélicas às críticas construtivas dos vários regimes sociais e políticos predominantes; desde a douda lição dos fluidos à renovação dos métodos de cura; em todas estas páginas admiráveis distinguimos o cunho inconfundível da sua prosa suave e penetrante de clarezas evangélicas. Mesmo que não rubricasse os seus ditados mediúnicos, distinguir-se-ia imediatamente o autor, entre todos os outros, porque a sua personalidade literária tem um carácter especial que nos denuncia logo a marca de origem.

É essa a impressão que colhemos após a leitura

atenta de duas ou três produções literárias de Emmanuel.

* * *

Entre tantos assuntos ventilados, o que mais nos fez meditar foi a sua assertiva de que «o futuro pertencerá ao Evangelho». E na página 113 afirma, sem temer contradição:

«A civilização está em crise, repetimos com os observadores do mundo. Pode-se apontar como uma das causas deste estado caótico, a defecção espiritual da Igreja Católica, negando-se a cumprir as determinações divinas para disputar um lugar de dominação, no banquete dos poderes temporários do mundo». E mais adiante:

«A estabilidade da civilização ocidental, sua evolução para o socialismo de Jesus, dependiam da fidelidade da Igreja Católica aos princípios cristãos. Mas a Igreja negou-se ao cumprimento da sua grandiosa missão espiritual e o resultado têmo-lo na desesperação das almas humanas, em face dos problemas transcendentes da vida».

Este passo é bem significativo e pleno de actualidade. Por ele se compreende quão diferente seria hoje a face moral e económica do planeta.

Se os princípios dimanados do Evangelho do Cristo houvessem sido respeitados e propagados nestes vinte séculos de civilização europeia, civilização que de cristã só tem o nome — outras teriam sido as perspectivas que os factos históricos nos patenteiam.

Porém a luta está travada, diz Emmanuel do Outro Lado deste mundo material e relapso e, como ele, esperamos que o porvir humano pertença ao triunfo do Evangelho, porque nele se contêm os germens da verdadeira e autêntica civilização cristã, que caracterizará o terceiro milénio...

«JOANA D'ARC MÉDIUM» — por Léon Denis
— Edição da Livraria da Federação Espirita Brasileira — 1940 — 352 páginas.

○ suplicio da Virgem Lorena, em Rouen, em 30 de Maio de 1431, já fez correr muita tinta e gemer os prelos de todo o mundo. Em romances históricos, dramas, ensaios, poemas, e até em filmes mudos e falados nos foi contado e descrito esse grande drama, que empolgou gerações após gerações. Não obstante, parece que há sempre qualquer coisa de novo, qualquer facto obscuro ainda a interpretar e a explicar.

A figura histórica da Pucela de Orleans, a-pesar-de toda essa vasta literatura que a exalta e endeusa, ficou sempre incompreendida e legendária para a maioria dos leitores das obras que dela se têm ocupado exaustivamente.

Na Inglaterra, desde Shakespeare a Bernard Shaw; em França, desde Henri Martin a Anatole France; na Alemanha, desde Schiller a Schlegel e António Morosini na Itália, todos estes autores se consagraram ao estudo dos feitos da que na história da França é conhecida pela Donzela de Orleans.

Porventura estes historiadores e romancistas esgotaram o filão? Não; nenhum deles conseguiu decifrar todas as incógnitas deste problema histórico, porque todos até aqui se restringiram aos seus pontos de vista políticos e de seita das suas épocas. Nenhum deles podia encarar Joana d'Arc sob o aspecto religioso e

espiritual como o fez agora Léon Denis na sua obra, porque todos eram materialistas. Ora, para se compreender os feitos surpreendentes da Virgem Lorena, que na história também é conhecida pela feiticeira, a heroína e a santa — só estudando-a à luz da teoria neo-espiritualista se poderia fazer uma ideia completa da sua actuação, nos acontecimentos trágicos da França de Carlos VII.

* * *

A Léon Denis, o escritor mais romântico do Espiritismo, estava indicada a tarefa de nos explicar, melhor que ninguém, a personalidade da mártir de Rouen.

Em 352 páginas de texto bem documentadas, o autor faz-nos perpassar no seu *écran* maravilhoso todas as fases da vida da heroína, desde a sua partida da aldeia pacífica de Domremy ao suplicio da fogueira, perante a satânica alegria dos seus carrascos.

Acentue-se, contudo, que nem todos os autores, ao analisarem Joana d'Arc, têm sido justos e imparciais. E o que mais estranho se torna é o facto de alguns dos seus compatriotas terem sido mais injustos para com a memória da libertadora da sua pátria, que os escritores estrangeiros.

Tanto Voltaire como Anatole France só a criticam e rebaixam, apodando-a de histérica e ignorante! Felizmente, os seus admiradores são mais numerosos que os detractores.

Léon Denis, com este trabalho literário presta justiça à heroína, à santa, e coloca-a onde o seu valor e espírito excelso devem estar: no coração de todos os bons franceses e espiritas de todo o mundo.

A obra que ela executou sob a inspiração das suas vozes é inatacável e resiste bem às ironias e deturpações dos pretendidos sábios da historiografia. Como disse Henri Martin, «nada de semelhante ainda se produziu na história do mundo».

Quanto ao destino dos que concorreram mais para o trágico desfecho do seu drama, que Léon Denis compara ao do Mártir do Gólgota — bem triste foi.

Ouçamos, sobre ele, o autor:

«Efectivamente, muitos dos que a julgaram e condenaram tiveram miserando fim. Todos se viram flagelados pelo desprezo público e pelos remordimentos das consciências. Cauchon morreu acabrunhado de remorsos. O povo desenterrou-lhe o cadáver para lançá-lo a uma sentina. O promotor João d'Estivet expirou dentro de um esgôto. Alguns outros, vinte e cinco anos depois, em presença do novo tribunal, no correr do processo de reabilitação, mais pareciam réus que testemunhas».

Joana d'Arc, porém, esquecida de que a Igreja a canonizou após quatro séculos de excomunhão, continua a velar pela França e por toda a humanidade. O seu espírito puríssimo a todos perdoou, mesmo a criminosa atitude de Carlos VII, quando ela foi vendida aos ingleses.

Numa das suas mensagens do Além, recebidas por L. Denis, Joana diz o seguinte, a propósito da Igreja que a excomungou e depois canonizou:

«Tudo perdoo à Igreja, excepto a sua doutrina. Não lhe perdoo o andar espalhando erros e o terror nas almas. A Igreja extingue-se. Bemdigamo-la pelo bem que fez; lamentemo-la pelo mal que praticou.

«Chegaram os tempos. O Espírito de Verdade anunciado pelo Cristo, vem próximo. O Cristianismo não

foi compreendido. Agora, outras verdades superiores vão luzir».

Quanto lucraria o mundo católico se se dignasse perfilhar a doutrina encerrada nesta mensagem do espírito sublime de Joana d'Arc!

LAS LEYS DE LA VIDA SUPERIOR — por *Annie Besant* — Edição da Editorial «Vitor Hugo» — Buenos Aires.

É um folheto de 46 páginas, que constitue o 10.º volume de uma série de publicações populares para a divulgação dos pontos de vista neo-espiritualistas, abrangendo também a corrente teosófica, fundada por H. P. Blavasty em 1875.

Annie Besant é uma autora muito conhecida pela sua vasta obra de divulgação e propaganda, tanto pelo livro como pela conferência, da Teosofia, que tem muitíssimos pontos de contacto com o Espiritismo, se bem que contraditada, em certos postulados, por alguns autores neo-espiritualistas.

Neste opúsculo, porém, só encontramos doutrina dignificante e altamente filosófica. A autora tem o segredo de expor delicados e profundos problemas inquietantes com brilho literário e profusão de argumentos, dignos de análise cuidadosa e atenta.

O MARTÍRIO DOS SUICIDAS, por *Almerindo Martins de Castro* — Edição da Livraria da Federação Espirita Brasileira — 1940.

SÓ conhecíamos o autor deste interessante trabalho de 152 páginas através do seu folheto intitulado «Agrippino Grieco e as Mensagens do Além», onde ele, com raro brilho literário, descreve o estado de alma do grande escritor brasileiro, perante as realidades mediúnicas.

Porém, lendo agora esta sua última produção, na qual foca, com maestria, a situação tétrica do suicida, só temos que louvar o seu autor, por atingir plenamente o seu objectivo: afastar da tentação os maníacos do suicídio, pela antevisão dos sofrimentos atrozes que os esperam, se puserem tal ideia criminosa em execução.

Todas as religiões e filosofias, como muito bem diz A. M. de Castro, condenam o suicídio; nenhuma delas, porém, como a filosofia espirita, explica as sanções a que estão sujeitos os seus candidatos. Não obstante, todos os sectores adversos, materialistas ou religiosos, endossam à nossa Causa a responsabilidade de muitos tresloucados se escaparem da vida material pelo alçapão do auto-homicídio.

Contudo, estudando-se desapaixonadamente, e sem ideias apriorísticas, os nossos postulados, encontra-se nêles e condenação dessa praga social, que arranca muita alma do mundo visível para a lançar no báratro dantesco do arrependimento tardio. Esse acto desesperado só serve para lhe demonstrar praticamente a inanidade do negativismo materialista ou a improficuidade dos dogmas religiosos.

O autor, para reforçar e autenticar a sua tese, descreve alguns casos de suicídio dados em vários cenáculos espiritas; mas os testemunhos de mais realce são os que ele transcreve do livro do nosso compatriota Fernando de Lacerda, intitulado «Do País da Luz», referentes a Júlio César Machado, Antero do Quental,

Camilo, Mousinho de Albuquerque e de Silva Pinto. E a propósito, cita a frase de A. do Quental: «Os maiores martírios da terra são doces consolações em comparação com os mais suaves sofrimentos de um suicida».

Esta frase póstuma, atribuída ao nosso poeta-filósofo, exprime eloquentemente a situação indescritível dos que tentam abreviar, pelo suicídio, as provações impostas pela reencarnação.

* * *

Na página 81 surpreendemos a A. M. de Castro, quando se refere à comunicação de Mousinho de Albuquerque, um desabafo patriótico, no qual dá a entender que é português. Supeitámo-lo pelo interesse dos relatos de espíritos suicidas portugueses e por consagrar grande parte da sua obra à transcrição das comunicações dos escritores supra-mencionados.

Mas a nossa *quasi* certeza de que o autor é português, filia-se no seu estilo dúctil e terso e na construção dos períodos, sem denotar as fatídicas inversões dos pronomes pessoais, de que tanto se abusa na Pátria do Cruzeiro.

Contudo, ainda lhe escaparam alguns deslises, certamente por insuficiência de revisão.

Apontemos este, por exemplo, na pág. 110, linha 3: «Esse amigo disse-me há dias ter na véspera se posto em contacto».

Este problema da próclise e da ênclise dos pronomes já fez correr muita tinta aos gramáticos e filólogos de cá e de lá do Atlântico. Na polémica travada entre Paulino de Brito e Cândido de Figueiredo ficou bem acentuada a razão do escritor português, confirmada por José Veríssimo, no «Jornal do Comércio», do Rio, de 30-12-1907: «A nossa colocação dos pronomes, embora foneticamente explicável, é viciosa».

Não discutimos nem impugnamos as divergências prosódicas e morfológicas que dão um certo encanto ao nosso idioma falado no Brasil, e que, no dizer faceto de Eça de Queiroz, é português adocicado.

Admitem-se ao cabôclo estes dizeres:

«Manê, vá no meu quarto e me traga relógio, que tenho hoje de ir no sertão, e trate bem ele, ouviu?»

¿Mas os brasileiros cultos admitiriam, porventura, esta construção? Não nos parece.

Nem Coelho Neto, Alencar, Gonzaga, Gonçalves Dias, Machado de Assis, Castro Alves, Rui Barbosa ou Bilac; nem Afrânio Peixoto ou Olegário Mariano perfilhariam tal doutrina sintática.

Afigura-se-nos que este tema não é despiciente para os dois povos de idioma comum. A língua que Camões e Veira enriqueceram e imortalizaram pertence ao património dos dois países irmãos que consubstanciam a mesma pátria espiritual, mais pela identidade vocabular que pelos laços de sangue; logo, segundo a feliz expressão de Henrique Lopes de Mendonça, «urge amá-la e dignificá-la, não permitindo que ela se corrompa ou se esfaçale nos vários climas para onde o génio português a projectou».

Releve-nos o nosso compatriota esta nótula à margem da crítica ao seu belo trabalho literário, e reiteramos-lhe os nossos calorosos profalças.

O Espiritismo deve ocupar o lugar que lhe reserva o seu destino e não aquêle para onde o pretendem levar influências estranhas.

De «Adelante»

Por esse mundo...

— *Evolucion*, de Venezuela, publicou uma notícia, segundo a qual, em S. Luiz Patosi e em princípios de Fevereiro de 1940, uma senhora elegante saltou dum automóvel e mandou parar um *taxi* que passava na rua, pedindo ao condutor que a levasse a todas as igrejas da cidade. Depois das visitas, a senhora entregou-lhe um cheque, para que elle fôsse a um banco receber a importância. Quando lá chegou, soube que aquela senhora havia morrido dois meses antes. Foi tão grande a impressão sofrida, que o indivíduo faleceu, pouco tempo depois.

— Silvio Vieira, o maior barítono brasileiro da actualidade, distinguio a «Hora Espirita Rariorfónica» do Rio de Janeiro, tomando parte no seu programa de 7 de Novembro último, onde cantou a «Ave-Maria», de Alfredo Albuquerque, e «Por tus ojos negros», de Lepera.

— Com sede na Rua Conselheiro Crispiniano, 404, 1.º andar, Rio de Janeiro, acaba de se instalar o Departamento de Propaganda Espirita da União Federativa Paulista, dirigido pelo confrade Caetano Mero. Agora, sob a direcção e contrôlo do Departamento, o programa da Hora Radiofónica Espirita do Brasil continúa a ser apresentado na PRH-3, de S. Paulo, diariamente, às 21 horas locais, excepto aos domingos, que é às 20.

— Na cidade de Sorocaba, Estado de S. Paulo, fundou-se o *Gabinete de Estudos Psíquicos*, sob a direcção de Gomide Bueno, que tem obtido interessantes resultados. As sessões de fenómenos físicos, têm sido realizadas com o auxílio dos médiuns Carlos Gomes e sua esposa D. Alcídia de Sousa Gomes. Aos trabalhos costumam assistir muitos estudiosos pertencentes a vários centros existentes na mesma cidade.

— Segundo informação do *Daily Mail*, houve alguns soldados finlandeses que, na Linha Mannerheim, afirmavam ter visto aparições de anjos no céu.

— A Liga Espirita do Brasil obteve do Ministro da Educação daquêlê país a subvenção de 10.000\$000, que lhe vêm sendo concedidos desde 1937, nos termos do decreto-lei n.º 527, de 1 de Julho de 1938. O *Balancete de Tesouraria* desta prestante agremiação acusou em 31 de Março último o seguinte movimento:

Receita	68.202\$000
Despesa	63.138\$000
Saldo.....	5.064\$000

A Liga tem 104 associações agregadas à sua obra. A título de curiosidade, damos mais as seguintes informações:

Pessoas atendidas no Ambulatório Central, em Outubro passado: 1612. Curativos ginecológicos, 27. Injecções applicadas, 614. Intervenções cirúrgicas, 4. Tudo inteiramente gratuito.

— Sob a direcção do Dr. C. G. Shalders, continuam os trabalhos de experiências psíquicas, na Sociedade Metapsíquica de S. Paulo, com sede na *Casa dos Espiritas*, Rua Maria Paula, 158. Esta Sociedade tem

editado algumas obras interessantes, entre as quais nos lembra «A Grande Esperança», de Richet; «Rai-mundo», de Sir Oliver Lodge; «Rumo às Estrêlas», de Dennis Bradley e «O Outro Lado da Vida», do Barão Carl du Prel.

— No Rio de Janeiro, o Espiritismo caminha a passo acelerado, no tocante à pesquisa científica. Em virtude das sessões da Gávea, sob a direcção do Dr. J. Aires Camargo, chamarem a atenção dos meios científicos locais, cogita-se na fundação dum Instituto de Investigações Psíquicas, semelhante ao de S. Paulo.

— A Federação Espirita do Rio Grande do Sul resolveu aproveitar as festas comemorativas do bi-centenário de Porto Alegre, a-fim-de realizar a 1.ª Exposição Estadual de Jornais, Revistas e Obras Espiritas. Lamentamos não ter podido enviar a tempo o autó-grafo que nos foi pedido, pois o atraso da correspondência impossibilitou-nos inteiramente de cumprir aquele honroso dever.

— O Centro Espirita «Seara de Jesus», de Nilópolis, fundado e orientado por senhoras, acaba de festejar a cobertura da sede própria, demonstrando assim que a mulher espirita é capaz dos maiores cometimentos para dignificação do Ideal. Os nossos parabens.

— No salão de entrada da Federação Espirita Brasileira, encontra-se em exposição a «maquette» do grandioso edificio do Hospital Espirita Pedro de Alcântara, em construção na Rua Alexandrina, fundação da Sociedade Espirita Obreiros do Bem, de que é presidente o nosso consócio Agostinho Pereira de Sousa. Lamentamos não poder publicar a fotogravura da «maquette», pela qual se verifica a extensão da bela obra, por cuja conclusão fazemos ardentes votos.

— O livro «Pigmeus contra gigantes», do incansável batalhador Leopoldo Machado, alcançou um extraordinário êxito de livraria. 5.000 exemplares esgotaram-se em trinta dias. No próximo número falaremos da obra e do autor.

— Os ambulatórios Médicos Espiritas do Rio Janeiro estão em pleno funcionamento, sob a direcção de competentes facultativos. Ali se atendem milhares e milhares de pessoas, diariamente.

— Os espiritas pernambucanos instituíram em Outubro último a Semana Kardeciana, cuja Comissão Central foi constituída pela Federação Espirita Pernambucana, Liga Espirita Suburbana e Cruzada Espirita Pernambucana. Uma das mais sugestivas partes do programa foi o desfile e concentração dos alunos das escolas espiritas, em número de 500.

— As «Crônicas de Além-Túmulo», de Humberto de Campos, que se encontram à venda nesta redacção, acabam de ser traduzidas em castelhano, com o título: «Crônicas del Más Allá del Tumlolo».

— O *Reformador*, órgão da Federação Espirita Brasileira, aumentou o preço de assinatura, em virtude da crise do papel, que se está a fazer sentir em toda a parte. Preferiu adoptar esta medida, a ter que diminuir o número de páginas.

Crónica Estrangeira

por Isidoro Duarte Santos

As tempestades prejudicam as sessões de efeitos físicos?

O professor F. V. Fitz-Simons, director do Museu de Porto Elizabeth (África do Sul) publicou há tempos um curioso artigo no *Psychic News*, relatando algumas sessões de *voz directa*, em que teve ocasião de apreciar os efeitos do temporal na eclosão dos fenómenos.

O articulista começa por declarar que todos os investigadores das ciências psíquicas sabem ou devem saber que não é aconselhável fazer sessões espiritas durante o temporal. Depois, conta o que se passou uma vez, num centro de Johannesburg, composto por indivíduos com grande afinidade mútua e cuja médium é a menina Alice Lloyd, de vinte anos de idade.

Nestas sessões obtêm-se comunicações em *voz directa*, com auxílio da trombeta. A médium não cai em transe e os assistentes conversam acerca dos fenómenos.

— As nossas sessões — diz elle — não vão além de hora e meia e, durante esse tempo, há sempre uma trombeta no ar. Vêmo-las perfeitamente na escuridão, em virtude da sua pintura fosforescente. Duvidar da realidade do fenómeno, seria indício de fraca mentalidade, insusceptível de compreender mais importantes coisas.

«Não há complicações neste fenómeno. A trombeta paira na atmosfera, desafiando a gravitação, e as entidades invisíveis utilizam-na para fazer vibrar o ar, tornando, assim, a sua voz perceptível aos nossos sentidos.

«Na sessão referida e apenas nos sentámos, uma trombeta se elevou e pairou no ar, chegando a tocar o teto da sala. Depois, viu-se um clarão através das cortinas corridas e a seguir o ribombar do trovão. A trombeta deu imediatamente uma volta à sala e pousou no lugar donde subira. A-pesar-de continuarmos sentados, ainda, durante meia hora, a trombeta não se levantou, dir-se-ia que as forças psíquicas estavam paralisadas. O trovão continuava a ribombar. Logo que a tormenta pareceu afastar-se, a trombeta elevou-se a cerca de três metros e ouviu-se nitidamente a voz do espírito de Charles Bradlaugh: — «Desculpem. Sinto muito que o temporal nos obrigasse a interromper a palestra».

«Naturalmente, a atmosfera já não estava carregada de electricidade, visto que a trombeta trabalhou incessantemente, facilitando a comunicação dos espíritos com os seus amigos terrestres».

A seguir, Fitz-Simons conta outro caso passado em Porto Elizabeth, numa sessão com a médium Gertrude Barker, que, em dado momento, recebeu dos guias a advertência, segundo a qual deviam de interromper os trabalhos o mais depressa possível.

— ¿Porquê? — inquiriu Fitz-Simons.

— Porque os elementos não favorecem os trabalhos. Está iminente um temporal e qualquer descarga eléctrica inesperada poderia danificar a médium. Pode muito bem romper-se o laço flúidico que a prende ao corpo material. ¿Ignorais que o seu corpo flúidico e o seu espírito estão fora do corpo material, quando ela está em transe? Esse corpo é simples carcassa, cuja força vital utilizamos para a comunicação.

«Doutra vez, perguntei ao guia se a tempestade influiria nos espíritos, isto é, se os espíritos, naquela noite, se teriam afastado da sessão.

«— Não, — disse o guia. — Estivemos ali sempre, até acabar a tempestade. O relâmpago não pode matar-nos; todavia, não é coisa muito agradável passar na atmosfera carregada de electricidade. De resto, semelhantes tempestades só existem na atmosfera da terra. Nas regiões interplanetárias, não há esses fenómenos desagradáveis».

Assim é, com efeito. As condições atmosféricas influem grandemente no resultado das sessões espiritas, visto que os médiuns são aparelhos delicadíssimos que reagem às mínimas alterações psico-físicas. Eis por que são oportunos os esclarecimentos do Professor Fitz-Simons, director do Museu de Porto Elizabeth.

Companhia teatral em que os espíritos fazem de «ponto»

O jornal *Ahora*, que se publicava, então, em Madrid, inseriu em Dezembro de 1933 os trechos seguintes:

«Em Barcelona, existe a mais extraordinária companhia teatral do mundo. Embora pareça inverossímil, é verdade incontestável.

«Os membros desta companhia não receiam a crise teatral, nem a concorrência do cinema ou coisa parecida. Estão muito acima destas coisas, como se, para elles, tudo succedesse em outro planeta. Realmente, assim é, porque os seres a que nos referimos são espíritos. Claro que não são estas entidades do Além que aparecem no palco, mas fazem-se representar por cidadãos de carne e osso, que são uma espécie de intermediários, de *marionetes* movidos por invisíveis cordelinhos».

Ahora faz, seguidamente, a história e a génese da «companhia», ilustrando a narrativa com muitas gravuras relativas a diferentes cenas e o *fac-simile* dum cartaz em que o programa é anunciado.

Diz o articulista que existe em Barcelona uma seita especial, dedicada à propagação de doutrina com certos pontos de contacto com o cristianismo primitivo e cujo principal fim é seguir as indicações dos Espíritos, os quais, no entender dos membros da seita, regem, do outro mundo, os destinos do homem.

A seita, conhecida pelo nome de «Pureza Divina».

é dirigida por um individuo catalão que dá pelo nome de António Matias Zaragoça.

Um dia, Zaragoça realizou uma sessão de espiritismo com o auxilio de alguns familiares. Alguns espíritos que se comunicaram disseram-lhe que devia entregar-se à propagação da nova doutrina, dando, por isso, origem à fundação duma seita. Foi isto em 1923 ou 24. Em determinada altura, os seus espíritos guias deram-lhe a seguinte indicação:

— Deves formar uma companhia teatral que represente obras de propaganda da nossa doutrina. Não te preocupes com coisa alguma. Tudo correrá por nossa conta».

E assim nasceu o mais espantoso grupo teatral de todos os tempos. Intitula-se «Os Maravilhosos» e tinha dado cinco representações, quando *Ahora* inseriu a noticia, representações que constituíram êxitos estrondosos, em virtude da revolução operada na técnica teatral dos tempos modernos, devida, precisamente, a António Matias Zaragoça, director e primeiro actor da companhia.

Eis a forma como se preparam as representações: Em dada ocasião, o director do grupo recebe uma comunicação do Além. Sentado em frente duns linguados, a sua mão começa a escrever o programa, a-pesar-de êle não possuir qualquer bagagem literária, pois se limita a agir como transmissor.

Delineado o programa, trata-se de arranjar vestuário relacionado com o assunto da peça. O mesmo se faz, quanto à decoração. Geralmente, a obra é formada por quadros desconexos. Depois de preparado o vestuário, ninguém se lembra mais da peça, de que se não faz o mínimo ensaio.

À hora fixada, com o teatro cheio, o pano levanta e aparecem em cena os actores...

Vejamos como êles trabalham. É o redactor de *Ahora* quem dá a explicação:

«A semana passada — diz êle — houve uma destas representações no Teatro Parthenon, da Rua Balmes. Tinha vindo muita gente a Barcelona para assistir. Num intervalo, falámos com os actores.

— «¿Vocês não sabem, realmente, o que vão dizer, quando entram em cena?»

— «Absolutamente nada. Os espíritos é que nos ditam tudo.

— «¿E nunca se deu qualquer «fiasco»?

— «Nunca. Às vezes, a acção... ou porque algum de nós se desconcentra, deixando de ouvir a voz dos invisíveis; mas intervêm logo o nosso director que é um médium esplêndido e soluciona tudo.

— «¿Esta gente pertence tôda à seita?»

— «Uma grande parte. Outros vieram, em reconhecimento do bem que receberam do nosso mestre, que tem curado muita gente atacada de doenças julgadas incuráveis pela medicina.

— «¿Mas isso não é curandeirismo?»

— «Não senhor. As suas intervenções são puramente espirituais. Temos também uma escola, em que ensinamos as nossas doutrinas.

— «¿E os actores não são remunerados?»

— «Nada disso. Vivemos do nosso trabalho nas fábricas, oficinas e escritórios. Fazemos tudo desinteressadamente, porque assim ajudamos a propagar a verdade».

Desde que a comunicação dos espíritos é um facto incontestável; desde que há médiuns psicográficos e clariaudientes que obtêm interessantes obras literárias e teatrais, ¿porque não admitir que os espíritos trans-

mitam o argumento e o diálogo das peças a médiuns-encenadores e actores? O grande público sentir-se-á intrigado, mais pela novidade da noticia do que pela naturalidade do fenómeno. O que nenhum investigador consciencioso pode é impugnar a possibilidade de representar uma peça nas condições em que trabalham «Os Maravilhosos».

¿São ou não são os vivos governados pelos mortos?...

Federação Espirita Brasileira

O *Reformador*, de Setembro último, publicou um magnifico relatório, sintetizando os trabalhos da Federação Espirita Brasileira, no ano social de Julho de 1939 a Junho de 1940. Por êle se verifica a importância de tão prestimosa e simpática associação, à qual nos temos referido nestas colunas. Vamos dar um resumo do movimento da Federação, no ano social referido, omitindo, é claro, certas particularidades que não interessam a esta secção.

Beneficência — No Natal de 1940, a distribuição de donativos atingiu a cifra de 65 contos brasileiros. Distribuíram-se, igualmente, 1500 farneis de 15 quilogramas cada um. Durante o ano, foram pagas 231 pensões, no valor de 60 contos brasileiros.

Os médiuns receberam 143.832 receitas. Foram fornecidos 159.197 remédios homeopáticos e feitas 24.181 aplicações magnéticas.

Ambulatório — Houve 4.186 consultas e 351 doentes novos. Deram-se 1.120 receitas e aplicaram-se 2.096 injeções. Fizeram-se 778 curativos, 7 intervenções cirúrgicas, 12 exames laboratoriais e 10 radiografias. Este Ambulatório está a cargo do Dr. Guillon Ribeiro Júnior e tem quatro grandes salas, magnificamente aparelhadas.

Livraria — Reeditaram-se quinze obras. Edições e reedições atingiram 235.600 volumes, contra 201.500 no ano anterior. As maiores vendas pertencem aos seguintes livros: «Evangelho segundo o Espiritismo» (9.135 exemplares); «A Prece» (8.898); «Livro dos Médiuns» (4.558); «Há dois mil anos» (3.968); «Novas Mensagens» (3.558); «Livro dos Espíritos» (3.463); «A Vingança do Judeu» (3.108); «Cinquenta anos depois» (2.689); «Do Calvário ao Infinito» (2.227); «Brasil Coração do Mundo» (1.944); «A Grande Síntese» (1.635).

De 1931 até 1940, a Livraria editou 1.133.100 (um milhão cento e trinta e três mil e cem volumes), no valor de 837, 642\$800 réis (oitocentos e vinte e sete contos, seiscentos e quarenta e dois mil e oitocentos réis).

Apraz-nos registar aqui o esforço incansável do seu administrador, o confrade José Vaz de Carvalho, cuja dedicação e método de trabalho muito têm concorrido para êste êxito sem precedentes.

Oficina gráfica — A Federação montou oficinas próprias, a-fim-de adquirir absoluta liberdade de movimentos. Possui uma linotipo moderna, duas máquinas impressoras (uma grande, inteiramente automática, de avultada produção horária, uma pequena semi-manual, e outra de cortar, com todo o material necessário). A montagem importou em duzentos e cinquenta contos brasileiros. Brevemente montará oficina de encadernação e comprará outra linotipo, visto que a existente não supre as necessidades actuais.

Instrução da Infância — A Federação subsidia nove escolas primárias mantidas por associações adesas.

NOTICIÁRIO

Sessão solene

Realizou-se no dia 30 de Março p. p. uma sessão solene na nossa sede em homenagem a Allan Kardec, a qual decorreu brilhantemente, a-pesar-da simplicidade que revestiu.

Presidiu a ela o Dr. Sebastião Elviro Martins, Presidente da Mesa da Assembleia Geral, secretariado pelos nossos consócios António da Silva Teixeira e Joaquim Borges de Meneses.

Discursou em primeiro lugar o Dr. Elviro Martins, pondo em foco a obra do Mestre como codificador do Espiritismo e como evangelizador. Disse que esse facto marcava uma etapa gloriosa na história da humanidade e que, se bem não tivesse o Mestre realizado uma obra completa, pela sua complexidade, conseguiu, contudo, para a sua época, fazer um trabalho admirável com um esforço hercúleo, preparando assim o caminho que novos pioneiros haviam também de trilhar com o maior vigor e novos dados científicos.

Seguiu-se-lhe no uso da palavra o nosso confrade Manuel Tavares, Presidente do Conselho Fiscal, que enalteceu a obra de Kardec pelas primícias que aos espíritos é dado hoje gozar, pois que, se não fôra ela, talvez que ainda hoje ignorássemos a razão das anomalias da vida e considerássemos a infinita bondade de Deus um grande enigma, desconhecendo quanta luz espiritual reside numa simples lágrima.

Falou também sobre o suicídio e sobre a caridade segundo os conselhos do Mestre e terminou com palavras de comisseração para com os incrédulos.

Seguiu-se o vogal da Direcção, Eduardo Matos, que em poucas mais sentidas palavras teceu um hino a Allan Kardec, um dos maiores orientadores da humanidade.

Tomou a seguir a palavra o tenente Isidoro Duarte Santos, Presidente da Direcção, que fez uma ligeira biografia de Kardec frisando o facto d'ele ser um céptico quando começou a frequentar as sessões espíritas em casa de Madame Plainemaison e salientando o método experimental por ele adoptado. Explicou a

proveniência do nome que o Mestre escolheu para subscrever as suas obra sobre Espiritismo e a impossibilidade em que se viu de obter qualquer manifestação do Além em sua casa, exceptuando aquela — a única — em que o advertiam que refundisse um capítulo que estava escrevendo.

O orador referiu-se também à *Revue Spirite* que Kardec fundou com os seus próprios meios e sem ter então um único assinante.

O oradores foram muito ovacionados.

Em seguida deu-se começo a uma sessão espírita geral, no meio do maior recolhimento, tendo-se manifestado uma entidade que deixou os assistentes agradavelmente impressionados pelos seus elevados conselhos e ensinamentos.

A certa altura, a médium teve uma visão que foi depois confirmada por uma vidente que se encontrava entre os assistentes. Viram ambas que em volta da sala se encontravam muitas entidades de vestes alvas formando uma cadeia que impedia o assalto que espíritos menos perfeitos, e colocados atrás d'elles, pretendiam fazer à assistência. No centro da sala, viam, suspensa, uma luz brilhante que a iluminava fortemente. E no momento em que o Presidente da Direcção, visivelmente comovido, dizia, no seu discurso, que a causa espírita jámais estacionaria, uma das videntes viu, numa rápida aparição, o busto de Allan Kardec sobre a cabeça do orador.

Assim terminou mais uma homenagem prestada ao grande apóstolo do Espiritismo pelo Centro Espiritualista «Luz e Amor».

Grupo Espírita Irmãos do Bem

No dia 8 de Abril corrente, foi inaugurado o Grupo E. Irmãos do Bem, destinado a curas psíquicas e magnéticas. São seus fundadores os nossos confrades srs. Eduardo Fernandes de Matos, Júlio dos Santos e Luiz Pereira de Almeida, que estiveram presentes na sessão inaugural.

Mais uma célula que se movimenta, a-fim-de pres-

Secção de Esperanto — Esta importante secção está a cargo do nosso colaborador e amigo Prof. Ismael Gomes Braga, figura de relêvo no meio espírita e o maior esperantista brasileiro da actualidade. São valiosíssimas e em grande número as obras didáticas editadas e organizadas por este apaixonado vulgarizador da Língua Internacional. Durante o ano em apêço, foram distribuídos 30.000 exemplares do livro «¿Porque devemos aprender o esperanto?» e 5.000 de «A Missão do Esperanto».

Reformador — Este belo mensário, órgão da Federação, tem melhorado muito as suas secções e tem saído com a tiragem de 10.000 exemplares. É, porém, desejo da sub-gerência elevar a tiragem para 15 ou 20.000, logo que as condições financeiras o permitam.

Finalmente e a título de curiosidade, informamos que a Federação fechou aquele ano com 3.293 associados e mais de 200 associações filiadas, directa ou indirectamente.

É, na verdade, de grande relêvo a obra que acabamos de sintetizar, só lamentando que não tenhamos espaço para dar maior desenvolvimento ao assunto em questão. A Federação Espírita Brasileira trabalha constantemente para dignificar a Causa Espírita e não se poupa a fadiga, na sua missão de evangelizar, através de todos os meios ao seu alcance. Bem haja, por tão espinhosa tarefa. Que os Mensageiros do Alto a continuem a distinguir com o seu auxílio, sob os auspícios de Ismael, são os nossos votos mais sinceros.

figiar o Centro E. Luz e Amor, cuja posição se vai firmando dia a dia, com elementos novos que enfileiram nesta cruzada espiritualista.

Este grupo está instalado no Centro, em cuja sede funcionará todas as terças-feiras, às 21 horas, atendendo todos os sócios doentes que se acolham à sua protecção.

Oferta de livros

O nosso confrade sr. Major Eurico de Castro Zuzarte, de Elvas, assinante de *Estudos Psíquicos* e sócio do Centro E. Luz e Amor, teve a amabilidade de nos visitar e oferecer à Biblioteca do Centro bela porção de livros que muito contribuirão para a difusão da Doutrina Espirita.

A tão prestimoso confrade e amigo apresentamos os nossos afectuosos cumprimentos, agradecendo o gesto que sobremaneira o distinguiu.

Para as vítimas do ciclone

De F. M. G., do Rio de Janeiro, recebemos o importante donativo de 1.000\$00, destinados às vítimas do ciclone que há pouco assolou o nosso país. De harmonia com as instruções recebidas do generoso benfeitor, enviámos 200\$00 ao *Diário de Notícias*, que tão nobre e desinteressadamente pôs as suas colunas ao serviço da solidariedade nacional. Os restantes 800\$00 foram distribuídos por vinte famílias das que mais sofreram, em Portugal, com o ciclone e cujos nomes serão publicados no próximo número.

A F. M. G., os nossos maiores agradecimentos, em nome das vítimas contempladas.

Aumento voluntário de cotas

No próximo número, começaremos a publicar os nomes dos consócios que aumentaram, voluntariamente, as suas cotas, em atenção ao apêlo publicado no n.º de Janeiro-Fevereiro.

A todos, os nossos sinceros agradecimentos.

Gentil oferta

A senhora D. Emilia Tanqueiro, antiga sócia do Centro E. Luz e Amor, teve a amabilidade, que muito nos sensibilizou, de nos enviar, por intermédio da nossa prestimosa colaboradora D. Maria Veleza, seis casaquinhos de lã destinados à distribuição que este Centro fará oportunamente.

Às duas bondosas senhoras, a expressão sincera do nosso profundo reconhecimento.

As nossas conferências

Tem-se notado, ultimamente, um grande entusiasmo pelas conferências realizadas na sede do Centro, como se verificou com as que estiveram a cargo dos srs. Drs. Fred e António J. Freire, às quais assistiram grande número de pessoas, que saíram absolutamente

satisfeitas com a exposição apresentada pelos dois ilustres cientistas. Tanto um, como outro, prometem a continuação do seu concurso, facto que muito nos apraz registar nestas colunas.

Falta de espaço

Continua a faltar o espaço da revista para o original que lhe é destinado, motivo por que tivemos que retirar alguns artigos já compostos.

Que nos desculpem leitores e colaboradores.

Programa dos trabalhos do Centro, durante os meses de Maio e Junho, na

Rua do Salitre, 149, 1.º

4 de Maio, às 21 horas — Sessão experimental, dirigida por Manuel Tavares.

10 de Maio, às 21 horas — Sessão experimental, dirigida por Isidoro Duarte Santos.

11 de Maio, às 16 horas — 3.ª conferência pelo Dr. Fred, da série intitulada «Concepções modernas sobre origem, evolução e relações recíprocas de matéria, energia, princípio vital e intelectual, dos astros, da terra, do homem e do complexo alma-espírito».

18 de Maio, às 16 horas — Sessão experimental, dirigida por Manuel Tavares.

25 de Maio, às 21 horas — Sessão experimental, dirigida por Isidoro Duarte Santos.

31 de Maio, às 21 horas — Sessão experimental, dirigida por Manuel Tavares.

1 de Junho, às 16 horas — Conferência pelo coronel Faure da Rosa, intitulada «Religiões».

8 de Junho, às 16 horas — Sessão experimental, dirigida por Isidoro Duarte Santos.

15 de Junho, às 21 horas — Sessão experimental, dirigida por Manuel Tavares.

21 de Junho, às 21 horas — Sessão experimental, dirigida por Isidoro Duarte Santos.

22 de Junho, às 16 horas — Conferência pelo Dr. António J. Freire, intitulada «A Crise da Morte».

29 de Junho, às 16 horas — Sessão experimental, dirigida por Manuel Tavares.

Amigo de "Estudos Psíquicos":

A tua revista luta com dificuldades para se manter e terá que aumentar o preço da assinatura, para não morrer, à falta de recursos. Depende de ti a sua manutenção: auxilia-a, e ela continuará a circular e a defender a Causa Espirita. Auxilia-a, conseguindo-lhe mais um assinante.